

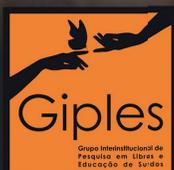
COLEÇÃO
EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA HISTÓRIA A TRADUZIR

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS SURDOS-MUDOS

DIJON - 1898

DOUGLAS CHRISTIAN FERRARI
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO
ORGANIZADORES

TRADUÇÃO: BARTIRA ZANOTELLI



DOUGLAS CHRISTIAN FERRARI
LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO
(ORGANIZADORES)

CONGRESSO
INTERNACIONAL
DOS SURDOS-MUDOS
DIJON - 1898



Tradução: Bartira Zanotelli

COLEÇÃO EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA HISTÓRIA A TRADUZIR


EDITORA
SCHREIBEN

2025

© Douglas Christian Ferrari | Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado – 2025
Tradução: Bartira Zanotelli
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: shangarey - Freepik.com
Livro publicado em: 26/05/2025
Termo de publicação: TP0422025

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C749 Congresso Internacional dos Surdos-Mudos - Dijon-1898 / organizadores: Douglas Christian Ferrari e Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado ; tradução: Bartira Zanotelli. – Itapiranga : Schreiben, 2025.
85 p. ; e-book. – (Coleção Educação de Surdos: uma história a traduzir).
E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-431-0
DOI: 10.29327/5558339

1. Surdos – Congressos. 2. Educação de surdos. I. Ferrari, Douglas Christian. II. Vieira-Machado, Lucyenne Matos da Costa. III. Zanotelli, Bartira. IV. Título. V. Série.

CDD 371.912

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta ao público de língua portuguesa a tradução inédita dos anais do **Congresso de Surdos realizado em Dijon, França, em 1898**. Mais do que uma simples transposição linguística, esta obra constitui um esforço de resgate e valorização de fontes históricas essenciais para a compreensão da trajetória da educação de pessoas surdas entre o século XIX e o início do século XX.

A publicação insere-se em uma pesquisa mais ampla, financiada pela **Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES)**, que se dedica a investigar as propostas educacionais discutidas nos principais congressos internacionais da época, compreendendo os desafios e avanços que marcaram aquele contexto e refletindo sobre os ecos dessas discussões na atualidade. A partir da pergunta central — *quais eram as propostas educacionais debatidas nesses congressos e quais repercussões ainda reverberam no presente, especialmente no campo da Educação Especial?* — a pesquisa busca construir pontes entre passado e presente, entre história e prática educacional.

Um dos principais objetivos deste trabalho é **conhecer a trajetória da história da educação de pessoas com deficiência visual e pessoas surdas, a partir das discussões realizadas nos Congressos do século XIX e início do XX**, considerando o ambiente social da época e suas relações com os desafios atuais da educação inclusiva. Nesse percurso, propomo-nos também a **coletar dados em acervos digitais nacionais e internacionais**, como o Gallica (Biblioteca Nacional da França), o Archive.org, a Hemeroteca Digital Brasileira, a Biblioteca do Instituto de Jovens Surdos de Paris e a Biblioteca da Gallaudet University — instituições que resguardam preciosos registros históricos muitas vezes pouco acessíveis ao público brasileiro.

A partir desse trabalho de coleta e tratamento de fontes, buscamos **desenvolver uma base de metadados bilíngue (francês-português)** dedicada à história da educação das pessoas com deficiência, bem como **construir um repositório digital com os documentos coletados e analisados**, incluindo também produções já consolidadas no campo da Educação Especial. Trata-se de uma proposta que articula pesquisa, tradução, curadoria documental e produção de conhecimento, com vistas a subsidiar tanto investigações acadêmicas quanto a formação de educadores.

Ao longo do processo, **as questões levantadas pelos próprios documentos** — seus silêncios, tensões, disputas e proposições — são tomadas como ponto de partida para **problematizações contemporâneas**, permitindo que esses textos

históricos se tornem ativos no debate atual sobre inclusão, direitos e práticas pedagógicas.

Do ponto de vista metodológico, esta investigação assume uma perspectiva historiográfica comprometida com a análise crítica das fontes, tratando os documentos como monumentos, tal como propõem Jacques Le Goff e Michel Foucault. Isso significa entender que os documentos não apenas registram uma época, mas permanecem vivos, permitindo que os sujeitos históricos que os produziram se façam presentes e provoquem nosso tempo. A tradução aqui apresentada, portanto, é também uma forma de escuta — uma escuta do passado que nos ajuda a interrogar o presente.

Além do Congresso de Surdos de Dijon (1898), a pesquisa contempla outras reuniões de grande relevância histórica. A análise cruzada desses materiais possibilita a reconstrução de uma trajetória rica e complexa da Educação Especial, marcada por disputas epistemológicas, práticas excludentes e conquistas fundamentais.

Ao tornar acessível um documento até então inédito em português, este livro visa contribuir para a área acadêmica e profissionais que se dedicam a estudar as questões surdas, apoiar a construção de políticas públicas inclusivas, e incentivar a produção e socialização de conhecimento no campo da Educação Especial. Esperamos que esta obra possa inspirar novas pesquisas, fomentar o debate e fortalecer o compromisso com uma educação pública de qualidade para todos e todas.

Douglas Christian Ferrari
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

SUMÁRIO

O PASSADO NÃO É FEITO DE CINZAS! ELE É CHAMA ARDENTE A NOS QUEIMAR: O CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS DIJON (1898) DESDE A PERSPECTIVA DE UM FORASTEIRO.....	7
<i>José Raimundo Rodrigues</i>	
NOTA SOBRE A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS.....	11
CONGRESSO INTERNACIONAL DOS SURDOS-MUDOS.....	13
O COMITÊ ORGANIZADOR.....	15
PRIMEIRA JORNADA	
O CONGRESSO	
PRIMEIRA SESSÃO.....	25
SEGUNDA SESSÃO.....	31
SEGUNDO DIA	
NA IGREJA SAINT-BÉNIGNE.....	47
NO MUSEU.....	49
O JANTAR.....	51
TERCEIRO DIA	
NA EXPOSIÇÃO.....	61
NO <i>CAFÉ PADIOLLEAU</i>	75
LISTA.....	79
RELATÓRIO FINANCEIRO DO CONGRESSO DE DIJON.....	81
ÚLTIMAS PALAVRAS.....	83

O PASSADO NÃO É FEITO DE CINZAS! ELE É CHAMA ARDENTE A NOS QUEIMAR: O CONGRESSO INTERNACIONAL DE SURDOS DIJON (1898) DESDE A PERSPECTIVA DE UM FORASTEIRO

A história da educação de surdos encontra nos documentos do passado um vasto repertório para problematizar inúmeras questões que têm nos atravessado ao longo dos séculos. O acesso aos textos dos congressos internacionais de surdos, realizados no final do século XIX, abriu uma oportunidade ímpar de se debruçar sobre escritos que rompem com a narrativa dominante e popularizada na área, apresentando a complexidade do que foi vivido e suas incidências como regularidades discursivas que nos provocam hoje. Devido a uma junção de fatores, tais textos eram desconhecidos em solo brasileiro até 2018 (Rodrigues, 2018). Enquanto forasteiro, atrevi-me a desbravar um caminho e alegro-me imensamente perceber que outras e outros agora se dedicam a algo que timidamente provoquei: deixar-se inovar pela tradução.

Foi no conjunto mais amplo de uma investigação sobre os congressos internacionais organizados por surdos, que tive a grata surpresa de deleitar-me com o texto de Dijon. Trata-se de um registro simples, de poucas páginas, porém denso e extremamente aquecido. É um texto que brota do passado, como chama ardente a incendiar nossas pretensões de leitura homogênea da história da educação dos surdos, sugerindo o quanto o vivido por aquelas mulheres e homens não se reduziu a cinzas.

Considero que, mais que em outros textos de congressos, Joseph Chazal nos legou um registro visceral e quem se dispuser a ler o que hoje nos chega traduzido experimentará muito da personalidade daquele surdo líder e protagonista. Adentrar nessa fogueira de papeis que foi Dijon assimilado por Chazal é colocar nossa mão no fogo, é permitir-se queimar. Mas qual experiência é totalmente asséptica a ponto de nos deixar ilesos? Dijon é convite a pirotecnias! (Rodrigues, 2018, 2023a, 2023b).

O contexto da comunidade surda francesa do final do século XIX foi bem analisado por Yan Cantin (2014), apontando para como os surdos vivenciaram a *Belle Époque* enquanto uma grande transformação. Os surdos e as surdas, tanto na Europa como nos EUA, protagonizaram lutas em defesa de uma educação

adequada. Contudo, em função de uma demasiada ênfase sobre os efeitos deletérios do Congresso de Milão (1880), acabaram sendo eclipsados. Havia uma internacionalização do movimento surdo que, precedendo Milão, adentrou na última década com uma determinação de fortalecer a comunidade surda tendo em vista a emancipação daquele sujeito educável. Longe de uma postura fatalista pós-Milão, os surdos e as surdas organizaram-se em associações, jornais, iniciativas escolares, engajamento político (Rodrigues; Vieira-Machado, 2022).

Dijon expõe uma comunidade surda e suas múltiplas facetas. Aqueles surdos e surdas que compunham a comunidade parisiense, tidos como certa “elite surda”, encabeçavam uma luta contra a implementação do método oral puro. Nem por isso deixavam de existir rivalidades internas e explícitas na imprensa surda, mesmo que em jornais de tiragem única. Os bastidores de Dijon mostram esses conflitos tão comuns nos movimentos sociais. E tudo começou pela escolha de Joseph Chazal para a função de secretário do evento. E esse episódio, por si só, vale a leitura do texto, pois mostra como outros surdos se envolvem para mediar a situação, como o surdocego Alfred Boquin (Rodrigues, 2023b).

Dijon tem outro atropelo também na sessão de abertura do evento. O surdo Henri Vanton, ao presidir o congresso, inicia pode declarar-se favorável ao método oral puro. Essa atitude dispara uma sequência de defesas tanto do método misto quanto do método de sinais. O relato da sessão faz desfilar diante de nós uma ancestralidade surda educada pelos sinais. A questão dos métodos, central para o encontro, ganha outra perspectiva quando, alavancada por Chazal, reflete-se sobre as demandas dos surdos do interior do país, bastante distintas daquelas dos surdos parisienses. Reconhecendo que para os surdos que nasceram ouvintes o método oral poderia ter alguma serventia, os participantes manifestaram uma estratégia que considerava a unicidade de cada pessoa surda e seu direito a escolher o método que lhe fosse mais adequado conforme o contexto em que estava inserida. A comunidade parisiense que boicotou o evento, mesmo à distância, tentou atrapalhar a reunião tendo Henri Gaillard como principal articulador.

O Congresso de Dijon é, portanto, um convite ao deleite próprio das tramas complexas. Inevitável perceber suas repercussões com nossa realidade. Que tipo de educação consegue atender às múltiplas características dos surdos e surdas de um país do tamanho do Brasil? Os surdos e as surdas do interior brasileiro têm as mesmas condições de acesso à educação que seus pares residentes em regiões de capital? O que isso poderia nos impulsionar ao se pensar e planejar uma política de educação bilíngue para surdos? Quem pega no texto de Dijon sente queimar suas mãos e capta o desejo de sinalizar a importância de se reconhecer que cada surdo e cada surda é uma vida única com necessidades e contextos muito particulares.

Que Dijon seja um aquecimento provocativo para todos que desejam investigar a história da comunidade surda. De suas labaredas a certeza de que os papéis do passado não podem ser reduzidos a cinzas. Os surdos sempre foram protagonistas! Por isso, divulgar o texto de Dijon no Brasil é possibilitar que outras verdades sejam apresentadas. Do texto vivo que fala à vida, a esperança de que o passado nos impulse a discutir o presente.

E, talvez, por fim um pedido, Joseph Chazal, certamente por ter se oposto à comunidade parisiense foi relegado a um grande esquecimento. Exemplo disso, é que há poucos registros sobre ele, enquanto sobejam sobre Henri Gaillard. Quem sabe alguém se apaixone por ele e nas idas e vindas pela França consiga mais e mais informações sobre esse surdo corajoso e determinado na busca do que considerava mais sensato e verdadeiro. Mais uma tarefa para quem ousa descer ao porão para encontrar mais luz.

José Raimundo Rodrigues, vulgo Homem dos porões, um forasteiro¹

REFERÊNCIAS

- CANTIN, Yann. **Les Sourds-Muets de la Belle Epoque, une communauté en mutation**. Thèse. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Centre de Recherches Historiques. Paris, 395 f., 2014.
- CANTIN, Yann; CANTIN, Angélique. **Dictionnaire biographique des grands sourds en France: les silencieux de France (1450-1920)**. Paris: Archives & Culture, 2017.
- RODRIGUES, José R. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900)**: problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo - Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 202 f., 2018.
- RODRIGUES, José R.; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C. A educação de surdos como questão política nos congressos organizados por surdos no século XIX. **Revista Pontes**, Paranaíba, v. 18, p. 49-61, 2022.
- RODRIGUES, José R. **“Educar para a vida e não para a escola”**: a educação desejada nos congressos internacionais de surdos entre 1889 e 1900. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo – Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 320 f., 2023a.

¹ Licenciado em Filosofia pela PUC-Minas, mestrado e doutorado em Teologia Sistemática pela FAJE-BH; mestrado e doutorado em Educação pelo PPGE-Ufes, Professor da Rede Municipal de Ensino de Vitória, atualmente membro da Comissão de Educação em Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: educandor@gmail.com.

RODRIGUES, José R. O Congresso Internacional de Surdos-Mudos, Dijon - 1898: as multifacetadas resistências surdas e suas pirotécnicas.
In: RODRIGUES, José R.; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne M. da C.; MARTINS, Vanessa R. de O. **Análise do discurso, história e subjetividade em Foucault**: relações de saber/poder e a contraconduta como ativismo e resistência. São Carlos: EDESP-UFSCar, 2023b. p. 189-201.

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

Durante a revisão da tradução, algumas escolhas foram feitas no intuito de facilitar a leitura mas, ao mesmo tempo, de mantermos a fidelidade ao texto original. São elas:

- a) manter os nomes originais dos jornais ou periódicos citados, em itálico, precedido pelos termos “periódico” ou “jornal”,
- b) traduzir os nomes das associações citadas porém colocar entre parênteses, em itálico, o nome original, na sua primeira menção,
- c) traduzir o nome das cidades e regiões que possuem nomes correspondentes em língua portuguesa (ex: Champanhe e Borgonha),
- d) substituir os adjetivos gentílicos pela expressão “de (cidade)”, pois nem todos possuem correspondência em língua portuguesa.

JOSEPH CHAZAL

CONGRESSO INTERNACIONAL
DOS SURDOS-MUDOS

DIJON - 1898

1899
DOMÍNIO PÚBLICO

DIJON 1898

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE SURDOS-MUDOS

POR

J. CHAZAL



AGÊNCIA DE IMPRESSÃO E LITOGRAFIA DE AGEN.

AGEN
1899

O COMITÊ ORGANIZADOR

Uma Exposição Universal estava programada para ocorrer em Dijon em 1897, e os surdos-mudos da Borgonha decidiram aproveitar essa oportunidade para convidar os surdos-mudos do mundo a um congresso internacional, onde poderiam discutir questões importantes relacionadas aos seus interesses mais fundamentais.

Para preparar este congresso, foi formado um Comitê composto pelos senhores **E. Vuillemin**, presidente; **A. Brost**, secretário; **A. Seguenot**, **E. Jovin** e **M. Gerling**, em Dijon, sob o apoio da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha.

No entanto, a abertura da Exposição foi adiada por diversos motivos, e o Congresso também precisou ser transferido para uma data posterior. Assim, a Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha, em sua sessão de 28 de novembro de 1897, decidiu por unanimidade que o Congresso Internacional ocorreria nos dias 27, 28 e 29 de agosto de 1898.

Com essa data finalmente estabelecida, o Comitê iniciou seus preparativos: após definir as diretrizes principais do Congresso, ofereceu a presidência de honra ao senhor Edme Diol, senador, e buscou o apoio do capitão Vautrin, intérprete dos surdos-mudos da Borgonha, que aceitou prontamente o convite. Enquanto o Comitê de Dijon trabalhava, M. Boquin, figura central em todas as atividades relacionadas aos surdos-mudos da Borgonha, enviou uma carta ao senhor Dusuzeau oferecendo-lhe a presidência efetiva do Congresso, e ao senhor H. Jeanvoine, perguntando se ele aceitaria atuar como secretário. O senhor Dusuzeau respondeu de forma sucinta: *“Que meus queridos irmãos de Dijon saibam que lhes agradeço de coração por sua gentil oferta, a qual aceito com prazer”*. Quanto ao senhor **Jeanvoine**, sobrecarregado de ocupações, teve, com grande pesar, de recusar a oferta que lhe foi feita. O senhor **Boquin** então ofereceu o cargo de secretário do Congresso ao senhor **J. Chazal**, que, após consultar seus amigos em Paris, respondeu com uma aceitação simples e direta.

Por sua vez, o senhor **Brost**, secretário do Comitê de Dijon, fez diligências junto à prefeitura para obter um espaço adequado às necessidades do Congresso; a administração municipal colocou à sua disposição a sala Flore, ligada à Prefeitura, ampla o suficiente para acomodar trezentas pessoas.

O senhor **Brost** enviou correspondências aos secretários-gerais das diversas companhias ferroviárias solicitando passagens com desconto de 50%

para aqueles que desejassem viajar para Dijon a fim de participar dos trabalhos do congresso. Os pedidos do ativo secretário do Comitê foram bem recebidos. Passagens válidas entre 20 de agosto e 5 de setembro, com a referida redução, foram disponibilizadas mediante comprovação de sua utilização.

No entanto, os recursos financeiros logo se mostraram insuficientes para concluir a tarefa iniciada pelos surdos-mudos da Borgonha. Foi então que os senhores **Brost**, **Seguenol**, **Gerling** e **Jovin** começaram a distribuir listas de arrecadação entre seus colegas e amigos ouvintes. O resultado dessa iniciativa foi razoavelmente satisfatório.

Tiveram, então, a ideia de lançar uma campanha nacional de arrecadação entre todos os surdos-mudos da França, mas, após uma análise cuidadosa, abandonaram o plano por considerarem que era muito incerto. Em vez disso, recorreram à prefeitura de Dijon com um pedido de subvenção, conforme demonstrado no seguinte trecho de uma deliberação do Conselho Municipal de Dijon:

O senhor Jovin procedeu à leitura da seguinte carta:

Dijon, 12 de maio de 1898

Senhor Prefeito,

Senhores Membros do Conselho Municipal,

Temos a honra de informar que, por ocasião da Exposição Universal de Dijon, os surdos-mudos de Dijon, reunidos em um comitê, decidiram organizar um grande Congresso Internacional de Surdos-Mudos de ambos os sexos, nos dias 27, 28 e 29 de agosto, sob o apoio da *Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha*, com o objetivo de discutir diversas questões relevantes para nossa comunidade silenciosa.

No entanto, apesar de nossa total boa vontade, não conseguimos reunir o montante necessário para cobrir as despesas exigidas pela realização do Congresso.

Diante disso, solicitamos, senhor prefeito, que apresente ao Conselho Municipal de Dijon um pedido de subvenção em nosso nome, a fim de contribuir, na medida do possível, para nossa recuperação social.

Na esperança de que nossa solicitação seja bem recebida, permanecemos, senhor prefeito, com toda a nossa devoção,

E. Vuillemey, presidente do comitê; Albert Brost, secretário-geral (Rua Parmentier. N° 1 bis); A. Seguenot; M. Gerling;

E. Jovin

Essa solicitação foi encaminhada às comissões de educação e de finanças.

O apoio dado ao pedido de subvenção incentivou os membros do comitê a redobrar seus esforços, seguindo o exemplo de M. Vuillemey, seu presidente, que enviava cartas urgentes a todos os antigos colegas da Escola de Besançon.

Seguenot, Gerling e Jovin competiam com grande entusiasmo para atrair o maior número possível de membros ao congresso, que, assim preparado, prometia ser muito bom.

O congresso prometia ser ainda mais bem-sucedido, uma vez que senhor **Brost**, secretário do comitê organizador, dedicava-se cada vez mais ao envio de correspondências aos principais surdos-mudos da França e do exterior, de onde chegavam, em resposta, adesões de pessoas importantes. Assim, confirmaram sua participação:

W. Gilby, Franck Hodgkins, Duncaster e Lauries Sounes, representando a Inglaterra;

A. de Buren, H. Morganti e Salzgeber, representando a Suíça; entre outros.

Por outro lado, **H. Toulouse**, de Estrasburgo; **Watzieliek**, da Alemanha; **Francesco Micheloni**, de Berna; e **F. Guerra**, de Nápoles, enviaram suas desculpas por não poderem responder à convocação como desejavam.

O **Abade Rieffel**, figura respeitada à qual os surdos-mudos nunca recorriam em vão, foi naturalmente convidado a oferecer seu apoio. Ele respondeu simplesmente: “Vocês conhecem toda a minha afeição pelos surdos-mudos; portanto, ficarei muito feliz em participar do congresso, que ocorrerá nos dias 27 e 28 de agosto, e em celebrar a missa para que Deus conceda suas luzes e bênçãos aos surdos-mudos.”

Com todos esses apoios valiosos garantidos, o Comitê de Dijon considerou o momento oportuno para o envio dos convites oficiais para o congresso, que já havia sido anunciado pelos periódicos “*Messenger*” da Abadia de l’Épée, “*Journal des sourds-muets*” e “*Sourd-Muet illustré*”. Desse modo, foram enviados pelo comitê quinhentos exemplares da seguinte circular:

Dijon, 20 de junho de 1898

Prezadas senhoras, prezados senhores,

Temos a honra de informar que, por ocasião da Exposição Universal de Dijon, o Comitê dos Surdos-Mudos de Dijon decidiu realizar - com o apoio da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha - um congresso internacional para deliberar sobre várias questões de interesse para o mundo silencioso.

Principais tópicos a serem abordados:

1º A educação do surdo-mudo;

- 2º Qual método deve ser preferido: oral, mimético ou misto?;
- 3º As associações de assistência mútua para surdos-mudos;
- 4º A Federação das associações de surdos-mudos da França.

O presidente de honra do congresso será o senhor **Edme Piot**, senador e cavaleiro da Legião de Honra, e o presidente efetivo, o senhor **Ernest Dusuzeau**, presidente da Associação Amistosa dos Surdos-Mudos da França, com o apoio do senhor **J. Chazal**, secretário da União Francesa dos Surdos-Mudos.

A abertura do Congresso ocorrerá no sábado, 27 de agosto, às 9 horas da manhã, em uma sala da Prefeitura Municipal.

As sessões ocorrerão em horários que ainda serão determinados.

No domingo, 28 de agosto, às 11 horas, haverá uma missa na igreja de Sainte-Bénigne, com sermão proferido pelo abade **Rielfel**, missionário dedicado aos surdos-mudos. Em seguida, haverá uma visita à estátua do abade de l'Épée, localizada no museu da cidade.

Às 16 horas, haverá uma reunião dos surdos-mudos no restaurante *Padiolleau* (praça *d'Armes*) para realizar o pagamento das taxas de adesão.

Às 18 horas em ponto será realizado um grande jantar em homenagem ao senhor **Edme Piot**, senador e cavaleiro da Legião de Honra, e sob a liderança efetiva do senhor **Dusuzeau**, com a participação do senhor **Vautrin**, intérprete de surdos-mudos.

O preço da taxa de adesão é de 6 francos. Este valor poderá ser enviado para o senhor **Alfred Brost**, na Rua Parmentier, nº 1, em Dijon.

Após o jantar, haverá uma noite em família.

O dia de segunda-feira será dedicado a um passeio pela cidade e pela Exposição Universal. Um desconto de 50% será concedido aos membros do congresso. Caso seja necessário, novas sessões poderão ser realizadas.

Na esperança de que se juntem a nós para contribuir com a melhoria de nossas condições, pedimos encarecidamente que os senhores e senhoras aceitem o nosso convite, com nossas respeitadas saudações e com a garantia de nosso sincero compromisso com a causa do abade de l'Épée.

E. Vuillemey, Presidente do Comitê.

A. Brost, Secretário.

Comissários: **A. Seguenot**, **E. Jovin**, **M. Gerling**.

Até aquele momento, tudo havia caminhado conforme o planejado, e o Comitê de Dijon aguardava ansiosamente os resultados das quinhentas convocações que haviam sido enviadas para diversas partes do mundo. Contudo, as respostas tardaram a chegar, como é comum em situações semelhantes, e foram chegando de forma lenta e gradual, o que gerou certa preocupação ao comitê.

Enquanto isso, o senhor **Boquin** informou que o senhor **Dusuzeau**, reconsiderando sua decisão inicial, manifestava a intenção de renunciar à presidência do congresso caso não houvesse a troca do secretário. Simultaneamente, o comitê começou a receber diversas cartas de Paris contestando a nomeação do senhor **Chazal** para o cargo de secretário do congresso.

Diante disso, o Comitê de Dijon se reuniu e, após uma longa análise, decidiu convidar o senhor **Chazal** a fornecer explicações ao senhor **Dusuzeau** sobre a postura que planejava adotar em Dijon, caso contrário seria solicitado que apresentasse sua renúncia.

Foi o senhor **Brost**, secretário do Comitê, quem transmitiu essa decisão ao senhor **Chazal**. Este respondeu que ele não tinha nenhuma explicação a prestar, pois o senhor **Dusuzeau** não lhe havia feito nenhum pedido; caso contrário, teria se prontificado a atender o pedido do presidente da associação, o que possivelmente teria resolvido tudo de maneira satisfatória para todos. Declarou ainda que, como não havia solicitado o cargo de secretário do congresso, não lhe causava nenhum prejuízo abdicar dele. Ao mesmo tempo, o senhor **Chazal** enviou ao senhor **Dusuzeau** uma carta carregada de amarga ironia, a qual foi posteriormente reproduzida em outra ocasião.

Alguns dias depois, o secretário do comitê respondeu ao senhor **Chazal** que não se tratava de se retirar assim, imediatamente, e pedia que, pelo bem do congresso, ele tivesse uma conversa com o senhor **Dusuzeau**, a fim de chegar a um acordo. Para se eximir de qualquer responsabilidade nesta situação singular, o senhor **Chazal** enviou uma carta ao senhor **Dusuzeau** alegando que, em acordo com a nova carta do senhor **Brost**, anulava todas as mensagens anteriores e que estaria disponível no dia e hora que o senhor **Dusuzeau** preferisse. Em resposta, o senhor **Dusuzeau** respondeu simplesmente: “Peço que me deixe em paz.”

Essa resposta, pouco diplomática, foi imediatamente transmitida a Dijon, onde o comitê, após análise, declarou lamentar profundamente que o senhor **Dusuzeau**, apesar de suas declarações, não fosse favorável à união, já que rejeitou qualquer encontro. Assim, o comitê decidiu por unanimidade dispensar o senhor **Dusuzeau** e manter o senhor **Chazal** como secretário do congresso.

A decisão do Comitê de Dijon foi comunicada aos membros da União Francesa dos Surdos-Mudos em sua reunião de 23 de julho e, ao mesmo tempo, encaminhada ao presidente da Aliança Silenciosa, que a leu em seu jantar de gala, em 23 de julho. Isso gerou um descontentamento considerável entre os presentes, que demonstraram seu desagrado de várias formas, especialmente naquele mesmo jantar e também no periódico “*Journal des sourds-muets*”, cuja direção teve um papel ativo na campanha contra o senhor Chazal, foi uma prova da tensão crescente. Mais do que nunca, os surdos-mudos de Dijon se

mantiveram firmes em sua decisão e se recusaram a se submeter às ordens de Graff, Dusuzeau e Gaillard, que, com Cochefer, exibiam a absurda pretensão de impor suas vontades aos surdos-mudos da França.

No entanto, o senhor Boquin manteve a esperança de reconciliar todas as partes envolvidas. Com esse objetivo, passou oito dias em Paris realizando inúmeras tentativas para restabelecer o diálogo. Sua iniciativa foi especialmente louvável, considerando que ele é praticamente cego e não pode sair sem a assistência de sua esposa, a senhora Boquin, cuja devoção é digna dos maiores elogios. Os surdos-mudos parisienses demonstraram grande hospitalidade para com o senhor e a senhora Boquin, sentimento esse compartilhado pelos surdos-mudos da Borgonha, que os consideravam com um misto de gratidão e admiração. Somente o senhor Dusuzeau, mesmo sendo avisado previamente, se recusou a recebê-los.

Após concluir que suas tentativas de aproximação eram infrutíferas, o senhor Boquin retornou a Dijon, onde o comitê precisava de sua presença para organizar as últimas preparações do congresso.

O Comitê de Dijon esperava resultados melhores da viagem de Sr. e Sra. Boquin a Paris, e se viu um pouco desapontado com o resultado negativo. Contudo, esse sentimento foi mitigado pelas novas adesões que haviam chegado ao comitê durante o desenrolar do conflito entre Dusuzeau e Chazal.

Ademais, naquela mesma época, os surdos-mudos da Borgonha enfrentaram uma nova decepção, que teve maior impacto emocional. O presidente do comitê lhes comunicou uma carta cujo teor será apresentado a seguir:

Montbard, 22 de julho de 1898.

Senhor Presidente,

No último 10 de janeiro, o senhor me enviou uma carta, por intermédio do Sr. Boquin, na qual me solicitava para atuar como intérprete de seu comitê no jantar de gala do congresso planejado para o próximo mês de agosto.

Essa carta me foi entregue em 21 de janeiro, e em 31 do mesmo mês eu lhe respondi que, caso não tivesse nenhum impedimento, seria uma satisfação estar com vocês nessa ocasião.

Lamento, porém, informar que não me será possível estar com vocês no dia 28 de agosto, pois neste mesmo dia ocorrerá em Montbard uma importante cerimônia patriótica à qual devo comparecer, não apenas como espectador, mas também como organizador.

Há vários anos, na minha função como delegado do *Souvenir Français*, venho trabalhando no projeto de erigir um monumento no cemitério de Montbard, no local onde estão os restos mortais do general Junot, duque de Abrantès. Esse monumento está concluído, e a cerimônia de sua inauguração ocorrerá no domingo, dia 28 de agosto, sob a presidência do senhor Ministro da Guerra. Foi o próprio ministro quem escolheu essa data, e não é possível alterá-la.

Peço, portanto, que aceite meus mais sinceros arrependimentos por não poder, nesse dia, oferecer-lhe uma nova prova de minha estima e consideração.

O senhor prefeito, os generais de Dijon e os senadores e deputados da Côte-d'Or foram convidados, e acredito que não se deve contar muito com a presença do senador Piot no seu jantar de gala, a menos que o senhor tenha enviado a ele uma carta especial informando-o sobre a data do evento e que ele tenha respondido.

Peço que aceite, senhor presidente, a expressão de meus sentimentos mais afetuosos e sinceros.

Vautrin,

Capitão, delegado do *Souvenir Français*, intérprete perpétuo da *Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha*.

O Comitê então se dirigiu ao sr. Blesseau, um amigo do sr. Boquin que, conhecendo a linguagem mímica, poderia perfeitamente atuar como intérprete. No entanto, essa tentativa também não teve êxito, e, oito dias depois, uma nova carta informava ao Comitê que o senhor senador Piot não poderia comparecer a Dijon no dia 28 de agosto, tendo se comprometido a estar em Montbard naquela mesma data. Mais uma vez, cedemos a palavra ao senhor capitão Vautrin:

Montbard, 29 de julho de 1898.

Senhor Presidente,

Tenho a honra de informar que ontem me encontrei com o senador Piot na residência de Sr. Hugot.

Apresentei a ele a carta que Vossa Excelência me enviou no dia 27 de julho corrente, e o senador Piot me respondeu que, em uma época já remota, os surdos-mudos lhe ofereceram a presidência de honra do jantar de gala do congresso, a qual ele aceitou prontamente.

No entanto, ele nunca se considerou vinculado a qualquer compromisso para o dia 28 de agosto, motivo pelo qual se comprometeu a participar da cerimônia patriótica em Montbard no mesmo dia, junto com todos os senadores e deputados da Côte-d'Or.

Tanto ele quanto eu lamentamos profundamente este infeliz imprevisto, que nos impedirá de oferecer aos nossos amigos surdos-mudos um novo testemunho de nossa afetuosa simpatia.

O Ministro da Guerra estará em Montbard, no dia 28 de agosto, presidirá a cerimônia de inauguração; foi ele mesmo quem escolheu essa data, e nosso lugar está plenamente reservado ao seu lado, assim como o das autoridades do departamento, a quem enviei cartas de convite.

Como nos anos anteriores, o senador Piot e eu teremos o maior prazer em participar da reunião anual de novembro, caso nenhum impedimento absoluto surja até lá.

Peço a Vossa Excelência que aceite, em meu nome e em nome dos membros do comitê, a expressão de nossa sincera afeição.

Vautrin,
Capitão, Delegado do *Souvenir Français*,
Intérprete perpétuo da *Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha*.

Talvez fosse possível ter evitado essa infeliz coincidência, mas já era tarde demais para voltar atrás nas decisões tomadas, sendo também completamente impossível adiar até mesmo por oito dias a abertura do congresso. O comitê teve, portanto, com grande pesar, que seguir em frente e concluir os preparativos finais.

No início de agosto, cento e vinte adesões firmes haviam chegado ao Comitê; esse número era significativo, considerando as dificuldades que tiveram que ser superadas, dificuldades em grande parte motivadas pela má vontade de alguns parisienses e, especialmente, pela postura ambígua do periódico "*Journal des sourds-muets*", que se tornou abertamente hostil quando o comitê decidiu definitivamente abrir mão da colaboração muito interessada de seu diretor.

Os senhores Boquin, Vuilleme y e Brost puderam, portanto, se orgulhar de seu trabalho, e certamente sua satisfação teria sido completa caso o senador Piot e o capitão Vautrin pudessem estar presentes em Dijon para celebrar o triunfo de seus amigos surdos-mudos da Borgonha.

Os jornais da Borgonha publicaram, em sua seção oficial, uma deliberação do Conselho Municipal de Dijon concedendo uma subvenção de 200 francos ao

Comitê do Congresso dos Surdos-Mudos.

Segue um extrato do diário oficial da cidade de Dijon:

O cidadão Roland, na ausência do cidadão Marpau, em nome da comissão de finanças:

Cidadãos,

Por meio de uma carta datada de 12 de maio último, os surdos-mudos de Dijon solicitaram ao Conselho Municipal uma subvenção para auxiliá-los na organização, com o apoio da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha, de um grande Congresso Internacional de Surdos-Mudos de ambos os sexos, que ocorrerá em Dijon nos dias 27, 28 e 29 de agosto próximo, com o objetivo de deliberar sobre diversas questões relacionadas à melhoria da condição desses infelizes desamparados.

Após exame desta solicitação, a comissão de finanças propõe conceder uma subvenção de 100 francos ao comitê encarregado da organização do congresso em questão, abrindo para esse fim um crédito no mesmo valor no orçamento adicional do exercício corrente.

O cidadão Jacquot propõe uma subvenção de 200 francos.

A proposta do cidadão Jacquot é aceita e as conclusões do relatório da comissão, assim alteradas, são aprovadas.

Em nome dos surdos-mudos da França, agradecemos profundamente à municipalidade de Dijon por sua generosidade, que possibilitou ao comitê do congresso cumprir todos os seus compromissos e alcançar o objetivo buscado ao longo de quase dois anos.

Agora, em resposta ao envio do sr. Vuilleme, eis a carta que o senador Piot lhe enviou alguns dias antes da abertura do congresso:

Saint-Mandé, 10 de agosto de 1898.

Senhor Presidente,

Fiquei profundamente tocado pela ideia delicada e gentil de enviar-me o cardápio impresso. Agradeço-lhe muito e peço que transmita meus agradecimentos ao autor de tão lisonjeira lembrança.

Teria sido um grande prazer participar do seu fraternal jantar de gala no dia 28, mas meu dever como conselheiro geral me obriga a estar em Montbard nesta data, para a inauguração do monumento em homenagem ao general Junot, e fazer parte do grupo que dará as boas-vindas ao delegado do Ministro da Guerra.

Lamento profundamente não poder estar com vocês e expresso sinceramente minha contrariedade por isso. Peço que me desculpem junto aos nossos queridos e estimados colegas da Sociedade e aceitem, senhor presidente, em seu nome e em nome da Sociedade, a expressão dos meus mais simpáticos e dedicados sentimentos.

Ed. Piot.

Tudo estava preparado para a abertura do congresso e, na noite de 26 de agosto, o Sr. Brost, incansável, recebia os delegados na saída da estação ferroviária para levá-los ao hotel e, em seguida, ao *Café de la Concorde*, onde os surdos-mudos de Dijon, reunidos, os receberam com a mais sincera cordialidade.

O autor agradece ao Sr. Alfred Brost pela pronta disposição em fornecer todos os documentos necessários para a elaboração de seu relatório sobre o comitê de preparação do Congresso Internacional dos Surdos-Mudos em Dijon.

PRIMEIRA JORNADA O CONGRESSO

PRIMEIRA SESSÃO

Apesar das ações absurdas que foram relatadas no capítulo anterior e, mesmo com a ausência de muitos surdos-mudos que não puderam se afastar de suas ocupações em um sábado, cerca de sessenta pessoas participaram do Congresso Internacional preparado pelo Comitê de Dijon.

Na manhã de sábado, 27 de agosto, por volta das oito horas, o *Café Padiolleau*, ponto de encontro dos congressistas, apresentava uma movimentação incomum. Os surdos-mudos presentes em Dijon haviam tomado conta da sala no andar térreo e se espalhavam pela esplanada. Dentre eles, destacavam-se: **Sr. Henri Genis**, ex-presidente da Associação de Paris, acompanhado dos delegados suíços, **Srs. Salzgebert, Morganti e de Buren**; **Sr. Henri Mercier**, representando os surdos da região da Champagne; **Srs. Jules Henry e Challandes**, delegados da Franche-Comté; os delegados britânicos, cujas formas de comunicação chamavam a atenção pela curiosidade; **Sr. A. Varenne** e **Sr. Berthet**, que estavam bastante felizes por reencontrar em Dijon um grande número de colegas da instituição de Saint-Claude-Besançon; **Sr. Gh. Agnus**, de Paris; **Sr. Deslandes**, de Meaux, entre outros.

De modo geral, os surdos-mudos presentes não se preocupavam muito com os incidentes que antecederam o congresso. **Sr. Henri Genis** trocava cumprimentos de maneira informal com os três delegados da União Francesa dos Surdos, **Srs. Berthet, Varenne e Chazal**.

Todos os congressistas, satisfeitos por se reencontrar ou por fazer novas amizades, apressavam-se para cumprimentar **Sr. e Sra. Boquin**, enquanto os membros do Comitê de Dijon, entre eles os **Srs. Vuillemey, Brost** e outros, finalizavam o programa do congresso e dos dias subsequentes.

Por volta das 9 horas, os comissários do congresso anunciaram a sua abertura, e em seguida os congressistas acomodaram-se confortavelmente na ampla sala Flore, localizada no prédio da Prefeitura de Dijon. Inicialmente, o comitê considerou realizar o congresso no próprio espaço da Exposição, mas desistiu dessa ideia devido à pequena dimensão da sala oferecida pelo diretor da Exposição e, especialmente, por sua localização afastada do centro da cidade.

Na sala Flore, que poderia acomodar com conforto até trezentas pessoas, **Sr. Vuillemey**, presidente do comitê, anunciou que **Sr. Henri Vanton**, de Lyon, havia sido escolhido para a presidência do congresso. Como ninguém apresentou objeções, ele recebeu a insígnia de sua função e foi empossado em posição de destaque. A insígnia de secretário foi então entregue ao **Sr. Chazal**, que ocupou o lugar à direita do Sr. Vanton. Vale destacar que o **Sr. Boquin** havia escolhido e custeado as belas insígnias para o presidente e o secretário do congresso.

Em seguida, **Sr. Vuillemey** leu diversas cartas de desculpas, incluindo as de **Sr. Piot**, senador, e do **Capitão Vautrin**, intérprete dos surdos-mudos da Borgonha, ambos impossibilitados de comparecer por estarem em Montbard para a cerimônia de inauguração do monumento erguido pela Sociedade do *Souvenir Français* no túmulo do valente general Junot, duque de Abrantès. Após isso, o **Sr. Chazal** apresentou as desculpas do **Sr. Francesco Guerra**, de Nápoles, bem como dos **Srs. Ch. Prud'hon**, **A. Sevos**, **Jules Vaugeois** e **Émile Chouet**, retidos em Paris. Ele também transmitiu aos congressistas os votos de sucesso para o evento por parte de **Sr. Chambellan**, o mais antigo professor de surdos-mudos.

O **Sr. Henri Vanton** abriu então a sessão. Começou agradecendo ao comitê e aos membros do congresso pela honra de ter sido nomeado para a presidência. Declarou, no entanto, que, pego de surpresa, não teve tempo de preparar um relatório sobre as questões da ordem do dia. Mesmo assim, afirmou que confiava em seu próprio bom senso para abordá-las sem excessos e contava também com a boa memória de seus colegas para auxiliá-lo no cumprimento de suas funções como presidente.

Após essa introdução, exposta com gestos claros e expressivos, o **Sr. Vanton** afirmou não ser adversário declarado de nenhum método, pois todos poderiam ter suas razões de ser e ter seus partidários. No entanto, como surdo-mudo, ele declarou preferir, acima de todos os sistemas, aquele que ensina a falar e a ler nos lábios — o método oral —, que considerou o único capaz de reintegrar verdadeiramente os surdos-mudos na sociedade. Ele expressou, com pesar, o lamento de não poder se comunicar por meio da voz ou compreender o discurso dos ouvintes.

O público presente ficou bastante surpreso ao ouvir um surdo-mudo se tornar defensor do oralismo puro, método que a maioria considerava prejudicial aos seus interesses. Apesar disso, o público não o interrompeu, embora tenham manifestado desacordo em diversas ocasiões.

Após seu discurso, o **Sr. Varenne** perguntou delicadamente ao **Sr. Vanton** como ele pretendia, sendo partidário do oralismo puro, ensinar um surdo-mudo absolutamente ignorante, sem qualquer noção prévia sobre pessoas ou coisas. Embora o presidente do congresso tenha respondido à questão sem grandes

embaraços, o Sr. Varenne não ficou satisfeito com a resposta e insistiu: afirmou que os sinais eram absolutamente indispensáveis, mais importantes que a fala, e que aplicar o método oral a todos os surdos-mudos, independentemente das circunstâncias, era não apenas uma quimera que levaria a nada, mas também uma utopia perigosa.

O Sr. Vanton respondeu com firmeza que a aplicação exclusiva do método oral no ensino dos surdos-mudos não apresentava nenhum perigo; pelo contrário, era o melhor sistema, pois ao permitir que os surdos-mudos aprendessem a falar, eles poderiam encontrar mais facilmente empregos ao saírem das escolas. Ele afirmou que os patrões frequentemente se recusavam a contratar surdos-mudos devido à sua surdez e mutismo e à falta de conhecimento sobre sua linguagem gestual.

Por outro lado, o **Sr. Varenne** contestou categoricamente essa ideia, argumentando que nem todos os surdos-mudos poderiam articular bem ou ler nos lábios para se comunicar com os ouvintes; alegou que os empregadores só rejeitavam os surdos-mudos quando havia escassez de trabalho. Além disso, ele destacou que o método oral exigia muito mais tempo para ser aprendido do que outros métodos e que, ao saírem das escolas, muitos dos que foram submetidos a esse método eram incapazes de utilizá-lo efetivamente. Ele comparou negativamente o método oral em relação ao sistema mimético, concluindo que apenas os surdos-mudos que já possuíam alguma habilidade oral eram capazes de se beneficiar do sistema oral, enquanto que para os surdos-mudos de nascimento, o método mimético era muito mais eficaz.

A discussão se intensificou ainda mais entre os **Srs. Vanton, Varenne, Brost, J. Berthet, Salzgeber e Chazal**, com opiniões divergentes sobre o futuro do ensino para surdos-mudos e a eficácia dos sistemas propostos. Durante essa troca de argumentos, o **Sr. Jules Henry**, de Besançon, interveio com uma contribuição importante para o debate.

Sr. Jules Henry — Começo por dizer que raramente vi um patrão se recusar a empregar um surdo-mudo apenas por ser surdo-mudo. É verdade que empregadores, sejam grandes ou pequenos, preferem sempre pessoas ouvintes e falantes, mas tive diversas oportunidades de intervir para ajudar surdos-mudos desempregados a encontrar trabalho, e quase sempre o empregador que contatei aceitou a pessoa que apresentei. Portanto, o processo de contratação depende muito da boa vontade da pessoa contatada para essa finalidade.

Agora, protesto veementemente contra a acusação recente contra os professores surdos-mudos. Fui professor e diretor por 17 anos em instituições de Besançon e Lyon, e por isso posso falar em nome de meus colegas ausentes

e afirmar abertamente aqui que nós seríamos os primeiros a nos alegrar com a introdução da método oral puro no ensino dos surdos-mudos, caso sua eficácia nos fosse comprovada.

No entanto, até agora, não encontramos nenhuma evidência que comprove a eficácia desse método. Pelo contrário: em vez de ser benéfico, ele se mostrou prejudicial para a maioria dos surdos-mudos, atrasando consideravelmente seu progresso educacional. Portanto, tenho o direito, em meu nome e no nome daqueles colegas ausentes, de protestar contra o uso indiscriminado da metodologia oral, cujos primeiros efeitos foram arruinar a carreira de muitos surdos-mudos talentosos: professores, monitores e inspetores, que foram abruptamente dispensados e lançados à miséria por causa do método.

E já que me referi a mim mesmo, permitam-me que lhes conte minha história. Durante cinco anos, fiz parte do corpo docente da instituição de Besançon, onde trabalhei de doze a dezoito horas por dia. Depois, por doze anos, fui professor no Instituto Florestal de Lyon, ganhando apenas o suficiente para atender às minhas necessidades mais básicas. Apesar disso, amava minha profissão, e nenhum de meus alunos, nem nenhum diretor, nunca teve motivo para se queixar dos meus serviços ou para me acusar de qualquer negligência em meus deveres profissionais.

No entanto, quando foi introduzido o método oral, fui demitido, assim como tantos outros professores surdos-mudos. Desde então, tenho procurado, sem sucesso, os poderes públicos para obter alguma compensação: seja uma pequena pensão ou mesmo uma simples medalha de honra. Esta é minha história, ou melhor, a história de todos os professores surdos-mudos empregados em escolas privadas. Por isso, protesto contra o uso exclusivo do método oral, pois seus resultados têm apenas no privado do exercício de uma profissão que nós, assim como nossos predecessores, desempenhávamos com dignidade.

Sr. Vanton — Afirmei que os professores surdos-mudos eram os únicos que lamentavam a perda do antigo método; mas nunca foi minha intenção suspeitar da integridade de seus sentimentos. Portanto, me solidarizo de todo coração com o protesto de Sr. Jules Henry contra a injustiça que ele e seus colegas sofreram.

Sr. Joseph Berthet, de Paris — Compreendo perfeitamente a utilidade da fala, pois falo razoavelmente bem e leio também bem nos lábios; mas isso me ajuda apenas no contato com pessoas que conheço. Com outras pessoas, prefiro recorrer à escrita, pois é mais seguro e confiável. Concluo, portanto, que a fala e a leitura labial não são suficientes para reintegrar os surdos-mudos à sociedade, e que, em vez disso, é essencial ensiná-los a escrever. Porém, para a compreensão das palavras e frases, os gestos me parecem absolutamente necessários: portanto, dou minha preferência ao método misto para o ensino dos surdos-mudos.

Sr. Boquin, de Montbard. — Infelizmente, sempre tive uma visão muito ruim e, por esse motivo, nunca poderia ter aprendido qualquer coisa sem a linguagem mímica. Hoje, que estou praticamente cego, eu não poderia conversar com meus irmãos surdos sem a ajuda dos gestos. Foi ainda por meio dos gestos que pude acompanhar, pelo tato e também graças à dedicação de Sra. Boquin, a discussão que se iniciou aqui há quase três horas. Tudo isso não me teria sido possível, sendo surdo-mudo e cego, com o método oral.

Portanto, protesto com todas as minhas forças contra o uso exclusivo do método oral, que, como afirmou o Sr. Jules Henry, não teve outros resultados senão fechar aos surdos uma carreira que eles poderiam sempre ter exercido com honra: o exemplo dos Berthier, Théobald, Chambellan, etc., está aí para comprovar isso. Com esses mestres e com aqueles que me precederam nesta tribuna, declaro-me, portanto, um partidário convicto e inabalável do admirável método do abade de l'Épée.

Sr. Salzgeber, de Genebra. — Não sem emoção, assistimos ao discurso do Sr. Boquin em defesa do método mímico; porém, mesmo reconhecendo a sinceridade dos distintos preopinantes que vieram protestar contra o sistema oral, devo, em nome do que acredito ser a verdade, afirmar que este sistema é amplamente adotado na Alemanha, na Itália e na Suíça, e que nesses países todos os surdos se adaptaram muito bem.

Eu mesmo fui educado em uma escola onde o sistema oral era aplicado rigorosamente, e, embora surdo de nascimento, faço uso adequado da língua falada.

Sr. Chazal. — Não quero colocar em dúvida o que acaba de dizer, Sr. Salzgeber; contudo, frequentemente encontrei surdos que tinham aprendido a falar com perfeição e que, em qualquer oportunidade, eram facilmente desmascarados. Nesta manhã mesmo, ao vir até aqui, tive mais um exemplo da dificuldade que enfrentam os alunos do método oral puro para se fazerem entender pelos ouvintes. E já que o Sr. Salzgeber afirma que fala muito bem, eu não me importaria de submetê-lo a um teste.

Sr. Salzgeber. — Eu aceitaria com prazer o teste proposto pelo Sr. Chazal, mas me parece bastante difícil, pois só falo fluentemente o alemão.

Sr. Chazal. — Então, renuncio submeter o Sr. Salzgeber ao teste. Mas, já que ele disse há pouco que os surdos-mudos suíços, italianos e alemães se adaptaram muito bem ao sistema oral, como se explica que os alemães e italianos que conhecemos sejam justamente contrários ao sistema defendido pelos Srs. Vanton e Salzgeber?

Quanto aos surdos-mudos suíços, conhecemos apenas dois, os Srs. Salzgeber e Jacques Ricca; e, embora este último também defenda o método oral, pode-se duvidar da excelência de um método que apenas produziu dois indivíduos notáveis em toda a Suíça.

Sr. Salzgeber. — Existem muitos outros; você pode confirmar isso com os Srs. Morganti e de Buren, que estão aqui presentes.

Sr. Chazal. — Fico feliz por isso em relação à Suíça; porém, a reputação dos indivíduos mencionados por Sr. Salzgeber não chegou até nós. Por outro lado, ele conhece, pelo menos de nome, os Berthier, Théobald, Chambellan, que o Sr. Boquin citou tão apropriadamente. Ele conhece também, suponho, Benjamin Dubois, Dusuzeau, Cochefer, Gaillard, Née, Jeanvoine, Olivier, Ligoit, etc.

Bem, esses e outros que me escapam foram instruídos com o bom e velho método do abade de l'Épée; portanto, temos o direito de preferi-lo a todos os outros, cujos resultados positivos são mais do que contestáveis.

Sabemos bem que a oralidade pura, tendo sido rigorosamente aplicada na França apenas há cerca de uma década, ainda não teve tempo de produzir todos os seus resultados. Independentemente disso, com base no que observamos na França, pensamos que será necessário, mais cedo ou mais tarde, abrir mão da aplicação exclusiva da oralidade pura para retornar a um sistema mais racional.

Isso, aliás, é o que ocorreu na América, onde, após trinta anos de experiências, o método oral foi definitivamente abandonado nas instituições públicas.

Sr. Vanton. — É meio-dia e, se ninguém se opuser, dou por encerrada esta sessão e continuamos a discussão às duas horas da tarde.

E assim foi feito. A sessão da manhã durou três horas consecutivas sem incidentes notáveis. É verdade que, em vários momentos, a discussão foi bastante acalorada entre o Sr. Vanton e seus opositores; mas, graças ao bom senso do presidente e dos congressistas, ela foi se acalmando da maneira mais natural possível.

SEGUNDA SESSÃO

Às duas horas, os congressistas estavam novamente reunidos no salão Flore. Sr. Vanton estava prestes a declarar a sessão aberta, quando Sr. Vuillemey pediu autorização para fazer uma comunicação urgente aos membros do congresso. Essa comunicação consistia em um telegrama no qual o **Sr. Ramager**, presidente da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha, informava que seria definitivamente impossível comparecer ao congresso, devido a assuntos familiares que o retinham em Verdun, mas que estaria sem falta em Dijon no domingo seguinte.

O **Sr. Chazal**, a quem **M. Brost** havia entregue uma carta ao **Sr. Jean Olivier**, fez a leitura, em sua carta, o **Sr. Jean Olivier** se desculpava por não ter podido vir a Dijon como esperava. Em seguida, parabenizava os surdos-mudos da Borgonha por sua iniciativa, expressava a esperança de que fosse bem-sucedida e concluía enviando uma saudação fraternal a todos os congressistas.

O Sr. Vanton, presidente do congresso, então abriu a sessão e disse: Espero que a discussão que se iniciará agora não fique em nada atrás da de hoje pela manhã e convido o **Sr. Chazal** a retomar suas explicações interrompidas.

O **Sr. Chazal**. — Esta manhã, respondi um pouco longamente ao Sr. Salzgeber. Agora me ocuparei do principal argumento do **Sr. Vanton** a favor do método oral, em seguida lerei o relatório que preparei sobre o ensino dos surdos-mudos e lhes proporei uma votação, caso estejam de acordo e seguros de suas opiniões.

O presidente do congresso, o distinto **Sr. Vanton**, afirmou que os patrões nos negam trabalho porque somos surdos-mudos; **Sr. Jules Henry**, que me precedeu, já refutou em parte essa afirmação, que, no entanto, é verdadeira até certo ponto. De fato, é evidente que os ouvintes-falantes sempre preferirão um trabalhador que goza da plenitude de seus sentidos em relação a nós, sem audição e fala, assim como nós também preferimos lidar com nossos semelhantes que compartilham a surdo-mudez. Mas, no fundo, acredito que o que impede o surdo-mudo de encontrar emprego é o fato de que, frequentemente, o surdo-mudo não exerce seu ofício de maneira muito imperfeita e que isso, por si só, prejudica aqueles que se apresentam em seguida para os cargos.

Ao contrário, quando o surdo-mudo é um trabalhador hábil, não é raro observar que o empregador o prefere aos ouvintes-falantes, pois, com as mesmas habilidades, os surdos-mudos recebem uma remuneração menor que os outros. Claro que isso é profundamente injusto; mas o que se pode fazer a respeito?

Concluo, então, dizendo que o argumento de Sr. Vanton, embora infelizmente embasado em muitos casos, não favorece, de forma alguma, o método oral. Os surdos-mudos, independentemente do que se faça, sempre terão sua deficiência contra eles; contudo, é permitido esperar que seja possível tornar a vida deles mais fácil. Para isso, é necessário ensiná-los a ler e escrever de maneira adequada e, acima de tudo, proporcionar-lhes uma boa profissão.

Dito isso, permitam-me ler o relatório sobre o qual mencionei há pouco.

O Secretário-geral do congresso, então, dá início à leitura do relatório que redigiu sobre os métodos adotados ou a serem adotados nas escolas para a instrução dos surdos-mudos.

Relatório do Sr. Chazal sobre a instrução dos surdos-mudos

Gostaríamos que este tema, tão delicado e tão difícil, fosse abordado pelos profissionais mais antigos de nosso ensino, por aqueles cuja vida toda foi dedicada ao desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais de várias gerações de surdos-mudos; nós nos referimos a Chambellan e Benjamin Dubois, esses dois mestres venerados por todos, esses dois mestres dos quais acreditamos ter conquistado a amizade e dos quais nos orgulhamos por ter obtido a colaboração para nosso valente *Sourd-Muet Illustré*, tão denegrido por outros.

Por diversas razões, esses dois mestres, notáveis em todos os aspectos, recusaram a oferta que lhes fizemos. No entanto, ninguém melhor do que Chambellan e Dubois poderia discorrer sobre o ensino dos surdos-mudos, atividade que exerceram por mais de quarenta anos.

Na ausência deles, fomos nós, seus alunos e, se me permitem dizer, seus amigos, que nos encarregamos deste trabalho tão difícil e que estaria além de nossas forças se não contássemos com as observações e experiências adquiridas pelo contato diário com nossos colegas em infortúnio, assim como com a lembrança de algumas boas leituras.

São essas observações que vamos submeter à vossa análise; ficaremos felizes se os vossos resultados estiverem alinhados com o interesse da maioria dos surdos-mudos considerados, e se tiverem a bondade de nos conceder o privilégio de vossa aprovação.

Aqui, e em toda a Europa, sabemos que o abade de L'Épée não foi, no sentido estrito da palavra, o primeiro instrutor de surdos-mudos. Antes dele, em vários países da Europa, outros haviam tentado a instrução de alguns indivíduos afetados pela surdo-mudez; mas esses esforços, que, aliás, cessaram com o desaparecimento de seus generosos autores, não diminuem a glória de nosso querido e imortal abade de L'Épée; pois foi este humilde sacerdote quem tentou,

de maneira geral, o ensino dos surdos-mudos e que teve a felicidade de deixar regras precisas sobre a maneira de instruir esses infelizes.

Não é o momento de fazer um resumo da vida toda de devoção e abnegação daquele cujo trabalho foi adotado merecidamente pela Convenção Nacional. Não, isso seria uma ofensa para vocês, pois conhecem tão bem quanto eu tudo pelo qual somos devedores a esse homem de bem, sem o qual talvez ainda estaríamos hoje mergulhados na mais terrível das situações. Assim, como nós, os surdos-mudos dos séculos futuros guardarão em seus corações o culto ao seu segundo criador, o abade de L'Épée.

O sucessor do abade de L'Épée foi o abade Sicard, que pode ser considerado o fundador da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos de Paris. Embora tenha continuado a obra de seu ilustre predecessor, o abade Sicard não foi realmente um seguidor de L'Épée, se formos acreditar em pessoas bem informadas sobre a história dos surdos-mudos em nosso país. Parece que Sicard buscava sobretudo as manifestações externas e, para impressionar o mundo e deslumbrar o público, utilizava, com seus dois alunos Jean Massieu e Laurent Clerc, meios sobre os quais seria impróprio insistir.

De qualquer forma, parece certo que o abade Sicard, em vários de seus escritos sobre os surdos-mudos, não os abordou sempre de maneira apropriada; mas queremos apenas lembrar que o abade Sicard quase foi massacrado durante os piores momentos da Revolução, e essa lembrança nos leva a considerá-lo como uma das pessoas cujo nome não deve ser esquecido pelos surdos-mudos.

Após Sicard, os estabelecimentos destinados à educação dos surdos-mudos surgiram em vários lugares, mas como a história desse ensino não se enquadra no escopo deste relatório, tentaremos abordar e resolver a questão dos métodos.

Infelizmente, após um século de existência, o ensino de nossos irmãos de infortúnio, no que diz respeito aos métodos, ainda não está resolvido: ora é o método mímico que prevalece, noutras ocasiões é o famoso *método oral puro* que se impõe. Com tal instabilidade, como se espera que o ensino dos surdos-mudos faça qualquer progresso?

Além disso, em nosso belo país da França, que se orgulha sempre de ser o primeiro do mundo, o ensino obrigatório para os ouvintes-falantes não se aplica nem aos surdos-mudos nem aos cegos, embora a mais elementar humanidade determine, precisamente, cuidar dos infelizes deserdados pela natureza antes daqueles que têm a sorte de gozar da plenitude dos seus sentidos.

No entanto, apesar dessa lacuna inexplicável na legislação no que diz respeito à nossa educação, as escolas existentes poderiam ser suficientes até certo ponto e fornecer àqueles que têm a sorte de frequentá-las a oportunidade

de adquirir uma educação tão completa quanto possível. Em vez disso, somos obrigados a constatar que a grande maioria dos alunos, ao saírem das escolas, são incapazes de se expressar corretamente e de ler com compreensão até mesmo o pequeno jornal diário que custa apenas um centavo.

E por que tal inferioridade em comparação com os outros? Sem dúvida, o surdo-mudo privado do sentido da audição está, por isso mesmo, sempre em desvantagem; não no ponto de vista da inteligência, mas da compreensão das coisas e das ideias que a criança normal aprende a conhecer e a entender, por assim dizer, desde o berço. Porém, em nossa humilde opinião, seria possível remediar essa triste consequência da surdez por meio de exercícios com a língua francesa, repetidos frequentemente, repetidos sem cessar, repetidos sempre, até que o aluno conheça o valor das palavras e o sentido das frases.

Isso é, sobretudo, o que se deveria aplicar nas escolas; e para alcançar isso, acreditamos que seria necessário deixar de lado a geografia e a história, cujos nomes e datas difíceis de aprender e reter fazem perder muito tempo sem grande proveito, já que na vida cotidiana pouco se fala de geografia ou de história. Poderíamos também evitar as complicações gramaticais que, como já vimos diversas vezes, submetem os alunos a torturas.

Além disso, seria sempre possível retomar essas matérias quando o surdo-mudo soubesse ler e escrever, pelo menos de forma satisfatória. Afinal, o que se pode fazer na vida alguém cheio de história ou de geografia, mas incapaz de escrever a mais insignificante das cartas?

No entanto, para ensinar a ler e a escrever aos surdos-mudos, para fazer com que compreendam a língua francesa, é uma ilusão contar exclusivamente com o método de oralidade pura, que hoje é empregado em todas as instituições e escolas do nosso país.

Mesmo admitindo que os surdos de nascimento conseguissem articular de maneira correta, o que é algo raro, quem nos garante que esses surdos oralizados não seriam apenas papagaios repetindo automaticamente frases que foram muito difíceis de lhes ensinar e fixar na mente e na garganta? Não, para fazer qualquer assunto ser compreendido pelos surdos-mudos, os sinais são absolutamente indispensáveis.

Por outro lado, se o uso da linguagem de sinais é obrigatório para a compreensão dessa língua (francês), é igualmente indispensável, para familiarizar os surdos-mudos com o uso dessa língua, proibir-lhes o uso de sinais fora das aulas e forçá-los, ou melhor, demonstrar-lhes o interesse que se têm em usar a língua escrita, ou seja, traduzir por escrito todas as suas impressões, todas as suas ideias.

Se temos boa memória, é assim que agia o Sr. André Valade-Gabel quando dirigia a classe Itard na Instituição Nacional de Paris. Ele levava até o extremo da

consciência esse método, abstando-se até mesmo do uso da linguagem mímica sempre que podia se fazer compreender por escrito. Certamente, o sistema do Sr. Valade-Gabel aborrecia um pouco os *Itardiens*, como gostávamos de nos denominar, mas tínhamos bom senso suficiente para apreciar sua excelência.

Isto é, do nosso ponto de vista, o que seria adequado adotar no ensino dos surdos-mudos de nascimento, ou seja, estabelecer para eles um método baseado no uso criterioso da escrita e dos sinais.

Quanto aos surdos que falam, bastante numerosos nas escolas de surdos-mudos, deve-se tentar com eles o uso exclusivo do método oral puro: sendo nós próprios surdos-falantes, percebemos perfeitamente que a fala é o principal meio de comunicação entre os homens, e todos aqueles que a método oral permitir que conversem oralmente com os ouvintes serão reintegrados à sociedade por esse meio.

Assim, não somos de forma alguma adversários da oralidade pura; apenas solicitamos que esse método seja aplicado com muita prudência, ou seja, apenas com os indivíduos que possam realmente se beneficiar dele.

Em resumo, nos parece que, para o ensino de nossos irmãos desafortunados, não deveria haver um único método oral ou manual, mas dois sistemas; o sistema oral para os surdos-falantes, aqueles considerados aptos a segui-lo com sucesso, e o outro, baseado na escrita e nos gestos, para os surdos-mudos de nascimento, o que, no entanto, não impediria o ensino de alguma articulação e leitura labial aos melhores sujeitos dessa última categoria. Porém, mais uma vez, é preciso evitar a generalização, como frequentemente somos inclinados a fazer na França; muitas vezes nos empolgamos e não sabemos praticar a moderação.

Para o sucesso desses dois sistemas, é evidente que a separação entre os surdos-falantes os surdos-mudos propriamente ditos se impõe de maneira absoluta, sem contar que haverá ganho certo no que diz respeito à estimulação mútua entre os alunos.

De fato, misturar surdos-falantes com surdos-mudos causa desencorajamento entre estes últimos, uma vez que, quase sempre, os surdos-falantes são superiores aos surdos-mudos.

Diante disso, estes últimos se desesperariam e, convencidos de que sua surdo-mudez nunca lhes permitiriam igualar-se aos primeiros, desistiriam de se empenhar adequadamente, acreditando que todos os seus esforços seriam em vão.

A separação em duas categorias dos alunos em nossas escolas não se impõe apenas para assegurar o pleno sucesso dos métodos e o bem-estar dos estudantes, mas também pela mais simples questão de equidade: não seria, de fato, injusto fazer estudar e competir juntos indivíduos que, de um lado, perderam a audição em alguma fase mais avançada da vida e nunca foram mudos, comparados àqueles que sempre estiveram privados de ouvir e de falar?

Estas são as ideias que pudemos formar sobre o ensino dos surdos-mudos através da convivência constante com companheiros que compartilham a mesma desgraça. Se vocês considerarem que elas estão corretas, que se aproximam da verdade e que têm potencial de servirem à causa da educação de nossos jovens irmãos, caso sejam adotadas e aprimoradas; propomos, então, as conclusões seguintes:

Os surdos-mudos reunidos no Congresso Internacional em Dijon, em 28 de agosto de 1898, após uma discussão na qual participaram os senhores Vuillemey, de Dijon; Vanton, de Lyon; Varenne, de Paris; Brost, de Dijon; Henry, de Besançon; Berthet, de Paris; Boquin, de Montbard; Salzgeber, de Genebra; Genis, de Nanterre e Chazal, de Paris; consideram, com todos os grandes mestres do ensino de surdos-mudos,

- que a aplicação exclusiva do método oral puro é perigosa ou, no mínimo, prejudicial para a educação em massa dos surdos-mudos;
- que esse método, que nos chega do exterior, só pode beneficiar aqueles indivíduos que ouviram e falaram até certa idade;
- que a linguagem mimética é absolutamente essencial para a educação dos surdos-mudos de nascimento, mas que, para familiarizá-los com o uso da língua francesa, deve-se restringir o uso de gestos ao mínimo necessário e impor, preferencialmente, o uso da escrita em vez dos gestos.

Por esses motivos, os membros do Congresso Internacional de Surdos-Mudos emitem, por unanimidade, as seguintes resoluções:

1º O método oral puro, atualmente em uso nas escolas de surdos-mudos, será mantido, mas aplicado apenas aos surdos-falantes capazes de se beneficiar dele.

2º Para o ensino dos surdos-mudos de nascimento deve-se adotar um sistema que combine simultaneamente a escrita e os sinais, sem prejuízo das aulas de articulação e leitura labial que poderão beneficiar os melhores alunos desta última categoria.

E, para concluir este congresso de maneira digna, expressamos a nossa mais sincera gratidão a todos aqueles que, antes e depois do abade de L'Épée, se dedicaram à educação dos surdos-mudos.

As conclusões do relatório do Sr. Chazal, submetidas à votação, foram aprovadas pela maioria dos congressistas. Elas foram publicadas em todos os jornais da Borgonha e em alguns de Paris, especialmente *L'Univers* e *Le Monde* de 1º de setembro de 1898. Em seguida, a discussão sobre o tema foi considerada encerrada e o presidente anunciou que seria iniciada a segunda parte da ordem do dia do congresso, referente às associações de surdos-mudos.

As Associações de Surdos-Mudos

Como fizera pela manhã, Sr. Vanton abriu a discussão sobre a questão das associações de surdos-mudos em geral. Começou dizendo que estava profundamente convencido da utilidade das associações, especialmente entre surdos-mudos, pois sua deficiência os isola, de certa forma, do meio da grande família dos ouvintes-falantes.

“Ao nos agruparmos todos, adquirimos a força necessária para nos fazermos respeitar pelos outros e fazer triunfar nossas reivindicações.” disse Sr. Vanton. E continuou: “Mas não é apenas isso; associados, eles se ajudam mutuamente em caso de doença ou desemprego”. Para apoiar sua tese, o presidente do congresso citou o caso de um surdo-mudo de Lyon que, vítima de um grave acidente, havia se encontrado, do dia para a noite, desprovido de tudo, sem qualquer apoio moral ou material, porque nunca quis entrar em nenhuma associação.

“Se esse infeliz tivesse sido membro de uma associação de auxílio mútuo de ouvintes-falantes ou de surdos-mudos, como a *Amitié* de Lyon, por exemplo, ele teria encontrado junto aos seus associados os recursos necessários para se tratar, aguardar sua recuperação e entrar com uma ação por danos e perdas contra o responsável pelo acidente do qual foi vítima.

Disse ainda **Sr. Vanton**: “Tudo isso, demonstra claramente a utilidade, a própria necessidade das associações, não apenas para os ouvintes-falantes, mas também, e principalmente, para os surdos-mudos, que, mais do que todos os outros, precisam se reunir, se agrupar entre si para se ajudarem mutuamente nas diversas circunstâncias da vida”. Em seguida, o Sr. Vanton encerrou sua fala fornecendo as seguintes informações sobre a associação dos surdos-mudos de Lyon:

A Amizade de surdos-mudos (Amitié des Sourds-Muets) de Lyon e departamentos vizinhos é uma associação amistosa e mútua, fundada em 1897; tem como objetivos:

- 1º Reforçar os laços de fraternidade e harmonia existentes entre os surdos-mudos;
- 2º Trabalhar para a melhoria de suas condições de vida;
- 3º Fazer com que compreendam seus direitos e deveres como cidadãos e orientá-los ao longo da vida;
- 4º Oferecer assistência aos membros participantes doentes;
- 5º Organizar de maneira apropriada os seus funerais;
- 6º Perpetuar a memória do abade de l'Épée e celebrar anualmente a fundação da associação.

O Sr. Vanton acrescentou: “*A Amizade de surdos-mudos de Lyon (Amitié des Sourds-Muets de Lyon)* exige apenas uma taxa de admissão de 2 francos de seus

membros participantes e, em seguida, uma contribuição mensal de 1 franco. Não creio que exista outra associação semelhante que ofereça tantos benefícios a seus membros por uma quantia tão pequena”.

Todos os congressistas, estando de acordo com o Sr. Vanton sobre a importância das associações de surdos-mudos, não discutiram sobre o assunto. O Sr. Chazal se limitou a fazer a enumeração das associações de surdos-mudos existentes na França e a explicar seus objetivos. Eis, por ordem de antiguidade, a lista das associações francesas de surdos-mudos:

A Associação Amical (*Association Amicale*), anteriormente chamada de Sociedade Universal (*Société Universelle*), é a primeira associação da França, e até mesmo do mundo, uma vez que foi fundada em 1838 pelo famoso Ferdinand Berthier.

Esta associação foi, até tempos recentes, uma associação de propaganda. Como tal, acreditamos que ela teve papel significativo na divulgação de obras importantes para os surdos-mudos, na construção da estátua do abade de l'Épée, em Versalhes, e na construção do monumento funerário em sua homenagem, localizado na Igreja de Saint-Roch, em Paris. Além disso, a associação concedeu subsídios aos jornais *L'Abbé de l'Épée*, *Gazette* e, mais recentemente, ao *Journal de Sourds-Muets*.

Atualmente, a Associação dos Surdos-Mudos dos departamentos Seine e Seine-et-Oise (*Association des Sourds-Muets de Seine et Seine-et-Oise*) atua como uma associação voltada para a instrução, moralização e apoio mútuo. Ela tem como objetivos:

- 1º Deliberar sobre os interesses gerais dos surdos-mudos e buscar melhorias em suas condições de vida;
- 2º Oferecer apoio e orientação aos jovens membros da associação por meio da amizade e do auxílio mútuo;
- 3º Esclarecer os direitos e deveres dos surdos-mudos como cidadãos e orientá-los em diferentes situações da vida;
- 4º Ajudar no encaminhamento profissional de seus membros sem emprego;
- 5º Reconhecer e recompensar os esforços e atos meritórios de surdos-mudos de ambos os sexos;
- 6º Fornecer cuidados médicos e medicamentos aos membros que estão doentes;
- 7º Pagar uma indenização durante o período de sua doença;
- 8º Arcar com seus custos funerais;
- 9º Por fim, de perpetuar, assim como já é feito desde 1834, a memória do abade de l'Épée, o primeiro instrutor público dos surdos-mudos.
- 10º Estabelecer em Paris um local de reunião onde os surdos-mudos possam se

reunir uma ou duas vezes por semana para discutir seus interesses, se entreter com jogos e leituras variadas, além de trocar conselhos e participar de conferências.

A associação exige de seus membros apenas uma contribuição mensal de 1 franco, que é um valor bastante baixo, mas acreditamos que o retorno ao associado é promissor. No entanto, como já mencionamos anteriormente no *Sourd-Muet Illustré*, esperamos que a associação, que sempre teve recursos suficientes para sustentar sua glória, consiga também recursos suficientes no futuro para realizar seu novo programa.

A Sociedade de Apoio Fraternal (*Société d'Appui Fraternel*) foi fundada em 1880 pelo Sr. Joseph Cochefer. É uma associação de aposentadoria que, mediante 1 franco mensal, se compromete a conceder a seus membros uma pequena pensão após vinte anos de pagamentos. No entanto, qualquer membro que tenha contribuído por cinco anos de maneira regular poderá exigir uma pensão proporcional às suas contribuições, se uma enfermidade ou incapacidade permanente o impedirem de trabalhar.

O objetivo dessa sociedade é louvável, mas o futuro próximo demonstrará se é, de fato, viável de ser colocado em prática. Enquanto isso, é importante notar que a associação teve um início difícil e enfrentou momentos críticos devido às más ideias de seu fundador, que desde o início tinha como principal objetivo a destruição da *Associação Amical*.

Hoje, o fundador do *Appui fraternel* parece ter retornado a uma compreensão mais saudável das coisas, e ficaríamos felizes em parabenizá-lo pelos 35.000 francos que conseguiu arrecadar para oferecer pensões aos membros de sua sociedade, se fosse mais generoso e não se mostrasse tão hostil em relação aos outros grupos de surdos-mudos que desejam permanecer independentes.

A Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha foi fundada em 1890 pelo Sr. Alfred Boquin.

Esta sociedade tem como objetivo:

- 1º Oferecer bons e prudentes conselhos aos surdos-mudos, sejam membros ou não da associação;
- 2º Proporcionar meios de reunião e estudo para eles;
- 3º Perpetuar a memória do abade de l'Épée e defender os princípios de seu ensino.

Para ser justo, deve-se dizer que a Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha não conseguiu fazer muito para defender os princípios do ensino do abade de l'Épée. Para isso, ela precisaria de outra organização e de outros homens; afinal, o Sr. Boquin, seu fundador, não seria capaz de realizar essa parte do programa de sua associação. Além disso, nenhuma associação de

surdos-mudos pode se orgulhar de ter defendido os métodos de ensino do abade de l'Épée, nem mesmo as associações parisienses, que possuem mais meios de ação do que a associação de Borgonha!

Portanto, não se pode responsabilizar o Sr. Boquin por isso, que, além disso, é praticamente cego. Acreditamos até que ele deve ser louvado por ter incluído nos estatutos de sua associação um artigo em favor do método mimético, o que representa, de certa forma, uma manifestação dos surdos-mudos da Borgonha contra o sistema oral.

Mas, se o Sr. Boquin e seus colaboradores nada puderam fazer pela boa e antiga metodologia do abade de l'Épée, eles sempre se destacaram na organização das reuniões e festas comemorativas em homenagem ao primeiro educador dos surdos-mudos. Isso não é tudo: por meio de subscrição, fizeram erguer no Museu de Dijon uma magnífica estátua do abade de l'Épée, que desperta a admiração e o respeito de todos os visitantes.

Foi finalmente graças ao Sr. Boquin e à Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha que se realizou este congresso, pois sem ele e sem essa associação, os habitantes de Dijon jamais teriam ousado empreender uma tarefa tão complexa e tão incerta.

Os fundadores da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha foram, junto com o Sr. Boquin, os senhores Ramager, Changenet, Lame, Chouet, Jovin, Dupont, Vuilleme, Vallier e Gille. Esses valentes enfrentaram grandes esforços, e é justo que sejam reconhecidos por seu trabalho.

A Associação Fraternal dos Surdos-Mudos da Normandia (*Association Fraternelle des Sourds-Muets de la Normandie*) foi fundada em 1891 pelo Sr. Louis Capon, um dos melhores surdos-falantes da França, que posteriormente criou uma instituição em Elbeuf.

A associação normanda tem como objetivo amparar os surdos-mudos ao saírem da escola de Elbeuf, assisti-los em caso de doença ou desemprego, aconselhá-los em questões graves, proporcionar meios de subsistência quando as enfermidades ou a velhice os tornem incapazes de trabalhar e garantir-lhes um sepultamento condizente.

Em suma, a Associação da Normandia é uma associação de ajuda mútua em todo o sentido do termo; é, mesmo, acreditamos, a primeira desse tipo fundada na França para os surdos-mudos. Portanto, o Sr. Louis Capon merece todos os elogios, especialmente porque os benefícios da associação que ele fundou em Rouen se estendem a todos os surdos-mudos da Normandia, sem distinção de origem.

A Associação Amigável dos Surdos-Mudos de Champanhe (*Association amicale de Sourds-Muets de la Champagne*), mal retornou do Congresso de Chicago,

onde acompanhou a delegação dos surdos-mudos da França, o Sr. Émile Mercier iniciou esforços para criar na Champanhe uma associação modelo. Contando com a ajuda de seu irmão Henri e dos Srs. Prosper e Pron, ele finalmente obteve, em 1894, a autorização para a constituição regular da Associação dos Surdos-Mudos de Champanhe, que tem como objetivo:

- 1º Discutir sobre os interesses gerais dos surdos-mudos e buscar melhorar suas condições de vida;
- 2º Promover o apoio e o acompanhamento dos jovens membros pela experiência dos antigos, estabelecendo entre eles laços amistosos e auxílio mútuo;
- 3º Orientar os associados sobre seus direitos e deveres como cidadãos, além de guiá-los em suas diversas questões da vida cotidiana;
- 4º Dedicar-se ao apoio e ao encaminhamento de membros sem emprego;
- 5º Reconhecer e premiar os esforços e atos meritórios de surdos-mudos, independentemente do sexo;
- 6º Oferecer assistência médica e fornecer medicamentos aos associados doentes;
- 7º Garantir o pagamento de uma indenização durante o período de doença;
- 8º Cobrir as despesas funerárias;
- 9º Por fim, preservar, como já é feito desde 1834, a memória do abade de l'Épée, o primeiro educador dos surdos-mudos.

Este é, de fato, o programa da Associação de Paris, e esse belo plano foi implementado *ipsis litteris* em Champanhe, enquanto permanecemos na dúvida se será concretizado em Paris.

Além disso, acreditamos que os Srs. Émile e Henri Mercier, Jeanvoine e Pron estão avançando na criação de um fundo de aposentadoria com o objetivo de garantir o sustento dos associados idosos ou doentes. Não duvidamos que seus esforços nesse sentido tenham um êxito garantido, e, nesse caso, a associação da cidade de Reims (capital de Champanhe) será, sem dúvida, a maior associação da França. Ela já ocupa esse status devido aos serviços prestados, à relevância de seu capital, que atualmente é de cerca de 30.000 francos, e ao número de seus membros, honorários e titulares, que somam cerca de quinhentas pessoas.

Além disso, a Associação dos Surdos-Mudos de Champanhe conta, graças à generosidade do Sr. Pron, com um círculo social, denominado *Círculo Abade de l'Épée*, em Reims. É o único desse tipo na França a ser de propriedade dos próprios surdos-mudos. Tudo isso foi alcançado em apenas quatro anos! É belo, é magnífico, e esse resultado é, sem dúvida, um excelente indicativo para o futuro.

Por fim, para concluir, devemos acrescentar que a Associação de Champanhe obteve diversas premiações em exposições ao longo dos anos,

listadas da seguinte forma¹:

Medalha de Bronze: Bordeaux, 1894;

Medalha de Prata: Reims, 1895;

Medalha de Bronze: Rouen, 1896;

Medalha de Prata: Paris, 1897;

Medalha de *Vermeil*: Vincennes, 1898.

Essas conquistas representam uma grande honra aos dirigentes da associação de Reims. Elas também comprovam seu desinteresse genuíno, algo bastante raro, especialmente em Paris, onde muitos dos benfeitores modernos parecem mais preocupados com a aparência e com a ostentação em seus trajes do que com ações filantrópicas verdadeiras.

A Associação humanitária dos Surdos-Mudos da Provença (*Association humanitaire de Sourds-Muets de Provence*) é também uma entidade de assistência mútua; foi fundada em Marselha, em 1895, pelo Sr. Henri Richard. Os membros da associação devem pagar uma taxa mensal de 1,20 francos para terem acesso aos benefícios concedidos pela associação, benefícios estes que estão detalhados, conforme segue, no estatuto da associação da Provença, e que reproduzimos sem alterações.

Os cuidados médicos e os medicamentos são fornecidos aos associados doentes e a seus familiares durante o período de doença, exceto em casos específicos mencionados nos estatutos e regulamentos. Entende-se por família os parentes que dependem do associado, residem sob o mesmo teto e constituem um mesmo núcleo familiar.

O benefício financeiro concedido ao associado doente será de 6 francos por semana durante três meses, e de 3 francos por semana nos três meses seguintes.

O direito a esses benefícios começará apenas um ano após o primeiro pagamento da contribuição mensal. A associação outorga ao seu conselho administrativo a decisão de determinar se, após esses seis meses, o auxílio será prolongado.

Vale destacar que a Associação dos Surdos-Mudos da Provença oferece assistência também à família do associado. Esta é uma inovação que lhe confere uma posição distinta entre as associações de assistência mútua, especialmente porque o Sr. Henri Richard, durante sua passagem por Paris, nos informou que sua associação mantém também um fundo de empréstimos para atender situações urgentes e imprevistas pelo regulamento.

A União Francesa dos Surdos-Mudos (*Union Française des Sourds-Muets*), fundada em 1895 em Paris, tem como objetivo permitir que seus associados

1 Medalhas de honra pelo tempo de serviços prestados. Medalha de ouro: 35 anos, de *vermeil*: 30, de prata: 25. Fonte: <https://www.service-public.fr/particuliers/vosdroits/F10>, em 07/03/2025.

participem de uma excursão anual, realizada durante a estação mais agradável do ano, e também que participem das festas organizadas em homenagem ao abade de l'Épée. Além disso, a associação oferece assistência aos associados que forem vítimas de doença ou acidente que resultem em incapacidade para o trabalho por mais de quinze dias. Caso seus recursos financeiros permitam, ela deve pagar uma indenização à viúva e aos órfãos do associado falecido.

A Aliança Silenciosa de Paris (*Alliance Silencieuse de Paris*) retomou o programa da Liga, dissolvida em 1895; ou seja, seu único objetivo é unificar os vários jantares de gala realizados em Paris em homenagem ao abade de l'Épée. No entanto, esse objetivo provavelmente nunca será alcançado, uma vez que a Associação Amigável (*Association amicale*), com justa razão, se recusa a abrir mão de seu próprio banquete de novembro, cuja primeira edição remonta ao ano de 1834.

Além disso, são justamente aqueles que ocasionaram a primeira divisão entre os surdos-mudos de Paris que desejam implementar o programa da Aliança Silenciosa. Essa aspiração é tanto estranha quanto inadmissível perante os outros grupos parisienses.

O Sr. Chazal, após concluir a enumeração das associações francesas de surdos-mudos, convidou o Sr. Henri Genis para explicar as razões da criação da Federação. Subindo à tribuna pela primeira vez no dia, o Sr. Genis afirmou:

A Federação das Associações Francesas de Surdos-Mudos (*Fédération des sociétés françaises de Sourds-Muets*) foi formada em Paris com o objetivo de fortalecer todas as associações através de um entendimento geral e para ampliar seu poder ao regulamentar seus esforços na busca de melhores condições de vida para a família silenciosa.

O Sr. Genis comentou de maneira extensa esse artigo dos estatutos da Federação, assegurando que as associações filiadas, mediante uma contribuição de quinze centavos por membro ativo e honorário, eram completamente livres em sua conduta.

Então, um participante do congresso observou ao Sr. Genis que as associações filiadas deveriam incluir em seus estatutos uma cláusula pela qual se comprometeriam a seguir as decisões da Federação, e que, por esse motivo, essas associações estariam abrindo mão de sua autonomia.

Diante dessa observação, o Sr. Genis respondeu que havia um equívoco na interpretação do artigo que impunha obediência às associações filiadas. Ele esclareceu que esse artigo não tinha o objetivo de retirar a autonomia de nenhuma associação, mas apenas visava estabelecer uma regra de conduta geral em casos específicos. Além disso, afirmou que o referido artigo não havia sido incluído nos estatutos de nenhum dos grupos afiliados à Federação.

Em seguida, questionaram o Sr. Genis sobre sua opinião a respeito da atual estrutura da Federação, organização que se baseava inteiramente no voto das sucessoras da Sociedade de Apoio Fraternal. O Sr. Genis respondeu que a intervenção dessas sucessoras era injustificada e seria excluída no futuro, não sendo mais considerada.

No entanto, como as explicações do vice-presidente da Federação não foram corroboradas pela ata da última sessão da associação, tais explicações foram consideradas insuficientes. O Sr. Chazal insistiu no assunto, o que levou a uma longa discussão, à qual participaram os Srs. Berthet e Varenne.

Durante essa discussão, que se manteve cordial do início ao fim, a situação das associações parisienses foi exposta em detalhes perante os membros do congresso. O Sr. Genis teve que admitir que nem tudo estava bem na cidade de Paris, mas afirmou, ao mesmo tempo, que não era responsável por essa situação. Ele destacou que sua participação no Congresso de Dijon demonstrava seu desejo sincero de alcançar uma união geral, mas que outras pessoas deveriam assumir a maior parte da responsabilidade pelo mal causado antes e durante o Congresso de Dijon.

O Sr. Genis admitiu, ainda, que havia sido ele próprio vítima dos métodos do diretor do jornal nos últimos meses em que permaneceu como Presidente da Associação Amigável de Paris.

Então, o Sr. Vanton, presidente do congresso, fez um resumo dos debates e da opinião geral, afirmando que, embora as associações de surdos-mudos fossem indiscutivelmente úteis e, por isso, merecessem ser incentivadas de todas as maneiras, a questão da adesão dessas associações à Federação deveria ser adiada, até que fosse apresentada uma demonstração mais convincente da utilidade dessa adesão do que aquela fornecida pelo Sr. Henri Genis.

Em seguida, o Sr. Vanton agradeceu mais uma vez a todos os que haviam participado dos debates e declarou o Congresso de Dijon encerrado.

Enquanto os participantes saíam da sala Flore, o Sr. Chazal se isolou para completar suas anotações e redigir, juntamente com os Srs. Brost, Vuillemeys e Berthet, um relatório resumido para os jornais de Dijon.

Naquela mesma noite, após o jantar, todos os congressistas se reuniram no Café da Concorde, onde também se juntaram os novos participantes, incluindo Ramager, de Verdun-sur-Doubs, e Larue, de Autun.

Em determinado momento, vários exemplares de um novo jornal dirigido por Gaillard foram distribuídos gratuitamente. Os surdos-mudos presentes ficaram bastante surpresos com tamanha generosidade, mas, ao verificarem o conteúdo da publicação, a maioria os amassou com desgosto e os jogou sobre os arbustos da varanda. Outros, mais práticos, guardaram os papéis no bolso,

dizendo que papel sempre pode ser útil, enquanto os mais rápidos em suas ações acenderam fósforos e queimaram os exemplares em questão.

Assim terminou o dia 27 de agosto em Dijon. A manobra de Gaillard e seus associados contra Berthet, Chazal e Varenne, os três delegados da União Francesa dos Surdos-Mudos no Congresso de Dijon, não teve outro resultado senão atrair novas simpatias para eles e tornar ainda mais detestáveis os miseráveis foliculadores do Journal e do Piloni, onde se autoimolaram permanentemente.

SEGUNDO DIA NA IGREJA SAINT-BÉNIGNE

Se o congresso havia contado no dia anterior com uma assistência relativamente pequena, por outro lado, na manhã de domingo, às nove horas, o Café da Concorde estava lotado de surdos-mudos que haviam chegado em todos os trens durante a noite. Pode-se, sem exagero, estimar em cento e cinquenta o número de presentes em Dijon no dia 28 de agosto de 1898.

O Congresso teria, sem dúvida, alcançado um sucesso muito maior se tivesse começado no domingo; porém, por razões particulares, o comitê não teve outra opção senão abri-lo no sábado.

Entre todos aqueles que se encontravam no Café da Concorde, os Srs. Varenne e Chazal tiveram o prazer de reencontrar dois antigos companheiros da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos: os Srs. Henri Aubel, de Remiremont, e Lazare-Puzenet, de Bourbon-Lamy. Eles também tiveram a satisfação de conhecer o Sr. Abade Rieffel e conversar com ele por alguns instantes.

Naturalmente, os incidentes ocorridos antes do Congresso dominaram quase toda a conversa. E, como o Sr. Abade Rieffel perguntava por que o acordo não havia sido alcançado em benefício do congresso, nos limitamos a lhe apresentar o novo jornal do Sr. Gaillard, distribuído na noite anterior. Isso foi suficiente para demonstrar que havíamos tentado, até mesmo o impossível, para chegar a um entendimento.

Mas já era hora de partir para a Igreja Saint-Bénigne, onde seria celebrada a missa de ação de graças em homenagem ao Abade de l'Épée. Os congressistas deveriam se dirigir ao local em procissão, com a bandeira da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha à frente. Porém, infelizmente, o tempo estava tão ruim que foi necessário abandonar esse plano. Alguns comissários foram, então, buscar um automóvel, onde a bandeira foi cuidadosamente posicionada e transportada até a Igreja. Os cento e cinquenta surdos-mudos foram chegando por pequenos grupos.

Após a missa e a benção da bandeira, que estava posicionada em um dos pilares, à direita do coro, o Abade Rieffel subiu ao púlpito e realizou um sermão adaptado à ocasião, com gestos muito claros e expressivos que demonstraram o quanto o pregador conhece bem a nossa língua materna.

Ele nos encorajou, especialmente, a nos amarmos mutuamente, a permanecermos sempre unidos, pois a união faz a força. Para ilustrar melhor a importância dessa união, o Abade Rieffel concluiu seu sermão narrando,

com muitos comentários, “O velho lavrador e seus filhos”, a bela fábula de La Fontaine.

Além disso, durante todo o período em que estive em contato conosco em Dijon, o célebre missionário dos surdos-mudos não cessou de nos recomendar a paz, a harmonia e a união.

Já havíamos mencionado isso na publicação do jornal *Sourd-Muet Illustré* e o repetimos aqui para mostrar o quanto foram injustas as críticas dirigidas ao Abade Rieffel pelo Sr. Gaillard e seus amigos no contexto do Congresso de Dijon.

Já era meio-dia quando saímos da Igreja Saint-Bénigne, uma das mais antigas e, sem dúvida, a mais bela de Dijon. O Sr. Varenne havia trazido seu equipamento fotográfico para nos fotografar na saída da igreja, mas o tempo ruim, que persistia, tornou isso impossível, e cada um se apressou para ir almoçar. O Sr. Jules Henry nos conduziu, junto com cerca de vinte companheiros, ao Restaurante *de la Galère* — não posso deixar de mencionar — onde o proprietário nos serviu, por 2 francos e 50 centavos, um almoço que fez parecer muito modestos alguns banquetes de Paris.

Por volta da uma hora, ou melhor, cerca das duas horas — pois o tempo foi um pouco prolongado na mesa — todos se reuniram no *Café de la Concorde* para, a partir dali, se dirigirem ao jardim da Praça Darcy, onde nosso valente amigo, Sr. Varenne, pôde finalmente exercer seus talentos como fotógrafo.

NO MUSEU

Dessa vez, a chuva havia cessado, e os congressistas se organizaram em cortejo, com a bandeira à frente, dirigindo-se ao Museu, para ver a estátua do Abade de l'Épée.

É ao Sr. Boquin que os surdos-mudos da Borgonha devem a existência da estátua do Abade de l'Épée; de fato, foi o Sr. Boquin, por volta de 1880, que tomou a iniciativa de uma campanha de arrecadação de fundos para a construção, em Dijon, de um monumento em homenagem ao nosso pai intelectual.

A estátua, erguida com o montante obtido por meio dessa campanha, possui cerca de dois metros de altura. Ela é uma reprodução exata da estátua que se encontra no pátio de honra da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos de Paris. Na face principal do pedestal, lê-se:

DOS SURDOS-MUDOS DA CÔTE-D'OR
AO ABADE DE L'ÉPÉE
HOMENAGEM DE RECONHECIMENTO
1712-1789
Inauguração em 26 de novembro de 1882

Nos lados direito e esquerdo do pedestal estão fixadas placas divididas em duas partes iguais, nas quais foram gravados os nomes dos participantes da campanha de arrecadação, que temos a satisfação de reproduzir abaixo:

LADO DIREITO	
Acary.	Dourcoux.
Baconnet.	Dufour.
Baumont.	Dumontier.
Boquin.	Dupasquier.
Burard.	Dupont.
Burtey.	Gagny.
Changenet.	Garaudet.
Chiffon.	Garnier.
Chouet.	Généraux.
Cotton.	Gille.
Descôte.	Georges.
Doubay	Heliot.

LADO ESQUERDO	
Humbert. Laurent. Laurier. Lecomte. Lyonnet. Martin Félix, Martin Philip. Menard. Monin. Noble. Pasquier. Passerotte.	Parize. Peutat. Porteret. Pralon. Roux. Sambondier. Taboureau. Theveniaux. Thordinet. Truchot. Viardot. Vulquin.

Todos se encontravam diante da estátua de seu segundo criador (a escultura é uma obra do escultor surdo-mudo Félix Martin).

Então, o Sr. Vuillemey afirmou que, ao contemplar a estátua de seu grande benfeitor, os surdos-mudos ali presentes realizavam uma espécie de peregrinação devota e, dessa forma, expressavam sua gratidão àquele que lhes dera a compreensão e o amor por Deus.

Após o Sr. Vuillemey, o Sr. Chazal, acreditando representar os surdos-mudos de Paris e de toda a França, parabenizou os habitantes da Borgonha pela bonita e generosa ação de erigir uma estátua ao Abade de l'Épée na capital da Borgonha.

O Sr. Genis afirmou, com grande sensatez, que a melhor forma de demonstrar gratidão ao Abade de l'Épée seria reunir todos e esquecer as divisões que, sem dúvida, causavam tristeza ao bondoso e venerável pai dos surdos-mudos.

O Sr. Berthet respondeu que compartilhava desse sentimento e que, ao retornar a Paris, se dedicaria inteiramente a promover a união geral tão defendida pelo Sr. Genis.

Por fim, o Sr. Vanton falou sobre uma estátua do Abade de l'Épée, da qual era o autor — mesmo sendo ele um tintureiro — e prometeu instalá-la no Museu de Lyon, assim como esta que ele teve a satisfação de saudar em nome dos surdos-mudos de Lyon.

A visita foi concluída; ao se retirarem, todos prestaram uma saudação respeitosa à imagem sagrada do abade de l'Épée. Eram por volta das cinco horas quando os congressistas saíram do Museu.

Tendo uma boa hora de tempo livre antes do jantar de gala, alguns aproveitaram para fazer uma pequena caminhada pela cidade, enquanto outros se prepararam para a programação da noite. Foi o caso do Sr. Varenne, que, com a ajuda do Sr. Berthet, trabalhou arduamente para organizar os elementos necessários para a apresentação de um espetáculo acrobático no qual seria o principal intérprete.

O JANTAR

Dos cento e cinquenta surdos-mudos que participaram da cerimônia matinal da igreja Saint-Bénigne e, à tarde, da visita à estátua do Abade de l'Épée, cerca de cem participaram do jantar de gala oferecido no restaurante Padiolleau em celebração ao congresso.

Os demais jantaram em família ou na casa de amigos. Esse afastamento foi, de certa forma, positivo, pois seria impossível acomodar todo esse grupo na sala de jantar, apesar de ser relativamente espaçosa.

Enquanto os comissários Jovin, Gerling e Seguenot, sob a coordenação de Vuillemey e Brost, organizavam a distribuição dos lugares, os convidados aguardavam no andar térreo, conversando animadamente.

Por volta das sete horas, Vuillemey e Brost anunciaram que o jantar estava pronto e que os convidados poderiam se dirigir às suas mesas. No entanto, era necessário passar pela apresentação da “carta branca” a dois porteiros no início da escada, e no andar superior, outros dois responsáveis verificavam a apresentação da carta de entrada antes de permitir a entrada na sala de jantar.

O Comitê, na ausência do Senador Piot, ofereceu a presidência de honra do jantar ao Abade Rieffel, que aceitou o convite com sua habitual cordialidade. Quando todos estavam em seus lugares, foi grande o espanto ao perceber que a posição de honra permanecia desocupada. Contudo, a surpresa durou pouco, pois logo o Abade Rieffel entrou na sala.

Ao seu ingresso, todos se levantaram para saudá-lo, e o presidente do Comitê, Sr. Vuillemey, entregou-lhe um belo buquê de flores, desejando-lhe boas-vindas com as seguintes palavras:

Senhor Presidente de Honra,

É com grande prazer que lhe dou as boas-vindas. Receba este buquê por parte do comitê de organização do evento como um testemunho de nossa gratidão por sua bondade para com os surdos-mudos.

Caro senhor, em nome de nossa associação, aceite a nossa profunda gratidão.

Os presentes aplaudiram efusivamente o breve discurso de Monsieur Vuillemey e os agradecimentos calorosos do Abade Rieffel, que, muito emocionado, dirigiu-se ao lugar que lhe fora reservado na mesa de honra.

Na mesma mesa, estavam presentes o Sr. François Boyer, simpático diretor do Instituto dos Surdos-Mudos e Cegos de Dijon (*Institut des Sourds-Muets*

et Aveugles de Dijon); um redator do jornal *Petit Bourguignon*, Sr. Boquin, que presidiu o banquete; Sra. Boquin; Sr. Joseph Berthet, presidente da União Francesa dos Surdos-Mudos de Paris; Sr. Henri Genis, da Associação Amistosa de Paris; Sr. Ramager, presidente da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha; Sr. Henri Vanton, Monsieur J. Chazal, Sr. Vuillemey, Sr. Brost, Sr. A. Varenne, Sr. Henri Mercier, da Associação da Champagne, e a delegação dos surdos-mudos ingleses.

Entre as senhoras presentes entre os convidados, devemos mencionar Sra. Jules Henry, de Besançon; Sra. e Srta. Ravier; Srta. Audouard, de Moulins; Srta. Julie Montalant, de Meaux; e também as senhoras Demangeot, Nicole, Larue, Gilles, Deslandes, entre outras.

O cardápio do jantar, desenhado por Auguste Colas, o famoso desenhista parisiense, apresentava uma ilustração do Abade de l'Épée segurando um feixe de bandeiras, com, em destaque, as palavras: Congresso de Surdos-Mudos de Dijon, 1898, e na parte inferior, um magnífico retrato do Senador Piot.

É desnecessário dizer que, da sopa de entrada até a sobremesa, o jantar transcorreu da melhor forma possível: de uma ponta da sala à outra não se viam senão gestos brilhantes de alegria e trocas de expressões joviais. Assim, chegou o momento dos discursos, sempre muito apreciados nestas reuniões.

Então, o Abade Rieffel, presidente de honra do jantar, levantou-se e, em uma feliz improvisação, fez o seguinte pequeno discurso:

“O Abade de l'Épée tinha um grande coração; ele amava os surdos-mudos com um amor imenso. Ele se interessou primeiro pelos surdos-mudos da França, mas, como seu coração era generoso, estendia seu amor a todos os surdos-mudos do mundo. Portanto, proponho que brindemos à união dos corações dos surdos-mudos de todo o mundo.”

Esse brinde foi calorosamente aplaudido por todos os presentes, que se aproximaram para apertar a mão do orador.

Sr. Boquin, por sua vez, fez um discurso que foi frequentemente interrompido pelos aplausos dos convidados, felizes em manifestar, assim, sua eterna simpatia pelo orador — não apenas surdo-mudo, mas também cego. Sr. Boquin nem mesmo podia ver as conversas de seus amigos; foi graças ao devotamento incomparável de sua esposa que ele acompanhou todos os trabalhos do congresso, que resumiu em seu discurso seguinte:

Meus caros amigos,

O congresso organizado em Dijon por um comitê especial, integrado no próprio seio da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha, teve como modelo — em sua importância distinta — aquele que foi instituído pela primeira vez

em Paris no ano de 1889. Aqui está a tradução do texto com precisão, fluidez e mantendo o tom formal:

O Comitê organizador dispunha apenas de recursos muito modestos; no entanto, fez o melhor que pôde, e envio a ele meus mais sinceros agradecimentos.

Esta reunião de surdos-mudos da França e do exterior tem como objetivo abordar as questões que afetam seus interesses mais fundamentais, bem como fortalecer os laços de amizade, união e harmonia que devem mantê-los unidos. Gosto de acreditar que, especialmente neste último ponto, o sucesso não será incerto.

Por uma coincidência extremamente lamentável, fomos privados da presença do Senador Piot, nosso venerado presidente de honra, e do Capitão Vautrin, nosso dedicado intérprete, que foram retidos em Montbard devido à cerimônia de inauguração de um monumento erguido em memória do General Junot, Duque de Abrantès. Eles não puderam, muito embora o quisessem, se isentar das obrigações que lhes incumbiam.

Ergam seus copos e brindemos à saúde desses dois verdadeiros amigos dos surdos-mudos.

Não me esquecerei também do Sr. Vuillemey, presidente do comitê organizador, nem dos demais membros do comitê. Dedico-lhes um brinde agradecido e fraternal, e espero todos vocês, meus caros amigos, em Paris, para o grande Congresso Internacional de 1900.

O orador é calorosamente aplaudido por toda a assembleia, que se aproxima para apertar sua mão com uma emoção visível e uma simpatia sincera.

O Sr. Vuillemey, presidente, lê então um telegrama que enviou ao Senador Piot. Este, retido em Montbard pela cerimônia de inauguração do monumento em homenagem ao General Junot, expressou um profundo pesar por não poder comparecer ao jantar, como faz todos os anos.

Senador Piot, Montbard.

Ergam seus copos à sua saúde, à sua felicidade, assim como à dos senhores. Hugot e Vautrin — pelo Honra, pela Pátria. Viva a França.

Em seguida, ele faz o seguinte discurso, que é muito aplaudido:

Senhoras e senhores,

Em meu nome e em nome de todos os meus amigos de Dijon, agradeço por terem comparecido tão numerosos ao nosso convite. Vários de nossos companheiros teriam ainda se juntado a nós para aumentar a presença nesta

reunião fraternal, se não fossem razões importantes que os impediram. Tenho a convicção de que este congresso trará um bem — e um bem duradouro.

É com essa esperança que bebo à vossa saúde, senhoras e senhores, à do Abade Rieffel, o gentil e dedicado sucessor do Abade de l'Épée, e àqueles que redigem os periódicos *Bien Public*, o *Progrès* e o *Petit Bourguignon*.

Levanto meu copo para brindar ao sucesso da união dos surdos-mudos da França e do exterior, que, unidos por sentimentos de respeito, gratidão e amor, todos bebem à memória de nosso pai, o Abade de l'Épée.

Em honra do Abade de l'Épée!

Viva o Abade de l'Épée!

O representante do *Petit Bourguignon*, por intermédio do Sr. Boyer, que gentilmente atuou como seu intérprete, agradece à assembleia e a seu presidente pelo convite cortês e assegura à associação o apoio mais amplo e altruísta da imprensa local, sempre muito feliz por colocar todas as suas forças à disposição de uma iniciativa tão importante.

O Abade Rieffel, solicitado pelo Reverendo Gilby, em nome dos delegados ingleses, profundamente emocionados com as demonstrações de simpatia recebidas, faz, em nome deles, o seguinte brinde:

“Senhor Presidente,

Permita-me, em nome de meus compatriotas, expressar o quanto estamos felizes por estar entre vocês e o quanto estamos tocados com seu acolhimento tão cordial.

O nome do Abade de l'Épée é para nós tão conhecido quanto o de Gallaudet, outro amigo dos surdos-mudos, autor de um sistema de linguagem mista que nos permite expressar nossos sentimentos de profunda amizade por vocês.

Se algum dia tiver a gentileza de visitar nosso país, tenha a certeza de que encontrará o mais fraternal e cordial acolhimento. Bebo à saúde dos surdos-mudos da Borgonha e à saúde da França.”

Vigorosos aplausos saudaram o discurso do Reverendo Gilby, e então o Sr. Chazal se levantou e fez a seguinte declaração:

“Senhoras e senhores,

Em nome de todos vocês, agradeço ao venerável Abade Rieffel por ter aceitado tão gentilmente a presidência de honra deste magnífico jantar; agradeço também ao Sr. Boquin, nosso simpático presidente efetivo, e peço a permissão para felicitar o comitê de organização de Dijon pela obra que vem realizando há vários meses e cujo jantar é, de certa forma, a celebração e o coroamento.

Se eu louvo altamente o comitê de Dijon, não o faço, acreditem, porque me nomeou secretário do congresso ao qual assistimos ontem; não, cem vezes não, é porque demonstrou iniciativa e uma independência que são muito raras em nosso pequeno mundo, onde, na maioria das vezes, os surdos-mudos se deixam conduzir por pessoas cujos interesses desinteressados são mais do que duvidosos.

Que o Sr. Vuillemey, presidente do comitê, seu secretário, Sr. Brost, assim como os senhores. Jovin, Gerling e Seguenot, queiram, mais uma vez, aceitar minhas congratulações e meus sinceros agradecimentos por terem mantido sua confiança em mim, apesar das manobras mesquinhas de alguns surdos-mudos de Paris, que se consideram, em todas as ocasiões, a elite da França silenciosa e que, nesta circunstância, apenas conseguiram revelar a limitação de suas perspectivas e a baixez de seus espíritos.

Certamente, quando o Sr. Boquin me ofereceu ser o secretário do congresso de Dijon, eu teria me abtido de aceitar sua oferta espontânea se tivesse previsto os incidentes que seriam suscitados por minha humilde participação. Mas, entre vocês, há alguém que poderia imaginar que o Sr. Ernest Dusuzeau se recusaria a assumir a presidência do congresso apenas porque eu havia sido nomeado seu secretário?

Sem dúvida, certos artigos e ilustrações publicadas em nosso jornal, *Le Sourd-Muet Illustré*, podem ter perturbado os admiradores do Sr. Henri Gaillard. Contudo, isso não foi uma razão suficiente para se recusar a participar de uma manifestação de interesse geral, ainda mais porque nosso jornal nunca tinha se manifestado contra o atual presidente da associação e que nossos artigos e ilustrações respondiam, na maioria das vezes, a textos do diretor ou dos colaboradores do *Journal des Sourds-Muets*.

Portanto, é permitido supor que o Sr. Dusuzeau foi extremamente mal aconselhado ou, mais provavelmente, se deixou levar longe demais por aqueles que buscavam assumir o controle do congresso, assim como desejam governar, segundo sua própria vontade, todos os surdos-mudos da França.

Vocês terão, portanto, o direito de lhes cobrar explicações quando, por sua vez, eles os convidarem para o evento que estão preparando para o fim deste século. Pois, além de se recusarem a qualquer entendimento em prol deste congresso, eles tentaram sabotar sua realização; e, não conseguindo isso, vêm agora, em cima da hora, tentar semear o caos.

De fato, quando o Sr. Alfred Brost me informou sobre o que estava acontecendo, eu ofereci minha renúncia; porém, a seu pedido, concordei em permanecer em meu cargo e em solicitar uma audiência com o presidente do congresso. Vocês sabem como fui tratado com indiferença, e conhecem também a tentativa infrutífera do Sr. Boquin.

Portanto, está mais do que claro que eles rejeitaram o entendimento que lhes propusemos. Ao agir assim, esperavam reduzi-los à impotência e obrigá-los

a aceitar suas condições. Contudo, vocês resistiram, mostraram que os surdos-mudos da Borgonha queriam permanecer livres e soberanos em sua própria terra. Mais uma vez, parabênzo vocês e lhes digo: bravo!

Foi então que esses famosos surdos-mudos da elite, por um momento desconcertados com sua atitude orgulhosa, tentaram semear o caos em nosso congresso, lançando seu ignóbil jornal *Pilori* aos membros. Mas, desta vez também, sua tentativa, tão desajeitada quanto desesperada, se quebrou contra sua indiferença e seu desprezo. Ontem à noite, vocês deram a esse folhetim vergonhoso a recepção que ele realmente merecia.

Isso é muito bom, mas há casos em que é preciso saber superar a repulsa e ler tudo para compreender o nível de abjeção ao qual podem chegar pessoas arrogantes e exasperadas como os redatores do *Pilori*. Foi isso que fiz, e aqui está o que eles encontraram de melhor para nos dizer em seu primeiro número.

Acusam-me de ter perdido um olho, o que é mais ou menos verdade. A outro surdo-mudo de Paris, que teve o infortúnio de ser amputado de uma perna, eles fizeram referência a sua inseparável perna de pau (sic).

Isto é suficiente, não é, para lhes dar uma amostra de seus procedimentos? Longe de nos queixarmos, nós os consideramos, ao contrário, excelentes no sentido de que demonstram, melhor do que nós poderíamos jamais fazer, a infâmia desses indivíduos.

Mas vocês se perguntam: de onde vem este *Pilori* e seu diretor? Eu poderia responder que o diretor tem ligação a um marquês da Córsega. Mas para quê? É um homem pobre demais e ignorante para compreender o que lhe mandam fazer; deixemo-lo, portanto, de lado e contentemo-nos em saber que o *Pilori*, duplicata do *Journal des Sourds-muets*, tem os mesmos redatores e é dirigido pelo próprio Sr. Henri Gaillard.

Mas deixemos de lado o Sr. Gaillard a seu *Pilori* e falemos um pouco de nós. Aqui está o Sr. Berthet, presidente da União Francesa dos Surdos-Mudos e fundador do jornal *Sourd-Muet Illustré*; aqui está o Sr. Varenne, nosso espirituoso desenhista; e aqui estou eu. Viemos a Dijon com os senhores Agnus e Deslandes; nós deveríamos ter mudado tudo ali, porque o *Journal des Sourds-Muets* nunca nos representou senão como arruaceiros e anarquistas.

Bem, vocês puderam, durante dois dias, comparar nossa conduta com a deles e, sem dúvida, se dizem que os verdadeiros perturbadores são aqueles que tentaram semear o caos em uma reunião pacífica, porque vocês não quiseram deixá-los controlar tudo por conta própria.

Vamos parar por aqui, deixemos Paris e seu inferno e ocupemo-nos, em vez disso, com o espetáculo reconfortante que todos nós proporcionamos neste jantar fraternal. Aqui, como ontem no congresso, vejo alguém que não é nosso amigo, e, no entanto, nunca deixamos de marchar lado a lado e viver em boa harmonia.

Estejam bem certos de que teria sido o mesmo com todos os nossos adversários, se tivessem seguido o exemplo dado por Sr. Genis, e talvez o Congresso de Dijon teria visto a reconciliação geral de todos os surdos-mudos de Paris.

Na falta dessa glória, o Congresso de Dijon ficará registrado em nossa história, apesar de tudo que foi tentado contra ele, e seu valente comitê organizador ocupará seu lugar destacado no Livro de Ouro dos surdos-mudos.

No entanto, não nos iludamos demais com as consequências que este congresso poderá ter; é mais do que provável que ele não terá resultados mais significativos do que os congressos de Paris, em 1889, e de Chicago, em 1893, para citar apenas estes.

Que se pode fazer? Se podemos emitir nossos votos, expressar nossos desejos e nossas reivindicações, cabe aos homens políticos e aos poderes públicos realizá-los. É por isso que lamento imensamente a ausência do senador Piot. Se tivéssemos a felicidade de tê-lo entre nós neste momento, eu lhe falaria sobre nossa situação. Como o Sr. Piot é um grande amigo dos surdos-mudos, talvez, ao retornar ao parlamento, ele poderia propor medidas que aprimorassem os métodos de ensino e, conseqüentemente, melhorassem nossa condição.

Eu dizia a vocês há pouco que o Congresso de Dijon talvez não traga nenhum resultado prático; seja como for, ele terá pelo menos mostrado que os surdos-mudos da Borgonha são tão capazes de rivalizar como seus irmãos da capital, e esse resultado não deve ser subestimado. Pois, daqui para frente, Paris terá que contar com vocês, assim como contará cada vez mais com os outros surdos-mudos das províncias.

Estejam, pois, orgulhosos de vossa obra, mas nunca esqueçam que devem, em grande parte, sua recuperação ao Sr. Alfred Boquin. Foi ele quem, ao fundar a Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha, abriu o caminho e indicou a direção a seguir; foi ele, ainda hoje, quem os apoia de todas as formas, permanecendo modestamente na sombra. Reflitam também que seu presidente fundador é cego, e que seu compromisso é ainda mais admirável por essa razão. Portanto, estendam a ele e a sua esposa, a Sra. Boquin, sentimentos de profunda gratidão, pois ela o acompanha e apoia em todas as circunstâncias da vida.

Eu terminei, senhoras e senhores, e, desculpando-me por ter sido tão longo, convido vocês a erguerem um brinde ao abade de l'Épée, nosso pai intelectual, ao abade Rieffel, seu modesto sucessor, e ao Sr. François Boyer, ao Sr. e à Sra. Boquin, aos senhores senadores Piot e Hugot, bem como ao capitão Vautrin, seu intérprete; à prosperidade dos surdos-mudos da Borgonha e ao futuro dos surdos-mudos da França!"

Como este discurso foi improvisado, o *Petit Bourguignon*, de 30 de agosto, que publicou um relatório muito detalhado do jantar de Dijon, não o reproduziu; e apenas assim foi possível ao jornal apreciá-lo:

“O Sr. Chazal, redator do *Sourd-Muet Illustré*, fez, por sua vez, uma apresentação semelhante, sendo acompanhado com grande atenção por todos os convidados, que o aplaudiram efusivamente.”

O Sr. Boquin agradeceu, então, ao Sr. Chazal por ter aceitado o cargo de secretário do Congresso e, embora grato por seus elogios, afirmou que não havia feito mais do que seu dever ao dedicar-se à melhora da situação de seus irmãos, os surdos-mudos da Borgonha.

O Sr. Berthet falou sobre o objetivo da União Francesa dos Surdos-Mudos e do *Sourd-Muet Illustré*, fundado por ele e pelo Sr. Varenne, com a finalidade de ser uma tribuna livre, aberta a todas as opiniões e o veículo de todos os surdos-mudos independentes da França. Em seguida, o Sr. Berthet concluiu seu discurso fazendo um grande elogio ao Sr. Chazal, secretário-geral da União dos Surdos-Mudos de Paris.

O Sr. Henri Vanton, em um magnífico discurso improvisado, se fez intérprete dos habitantes de Lyon; lamentamos muito não poder publicá-lo aqui por não termos recebido seu texto. Para dar uma ideia do sucesso alcançado por ele, basta dizer que, ao concluir seu discurso, todos os presentes quiseram apertar sua mão.

Por sua vez, o Presidente da Sociedade da Borgonha, com gestos tão expressivos quanto os do orador anterior, o Sr. Ramager, enumerou os trabalhos realizados pelo comitê organizador de Dijon desde o momento em que foi decidido que um congresso seria realizado em Dijon. Ele afirmou que o comitê foi obrigado a afastar o Sr. Gaillard devido à sua conduta durante e após sua viagem a Dijon, e também por conta da atitude inadequada do diretor do jornal em uma controvérsia importante.

O Sr. Ramager sustentou que os surdos-mudos da Borgonha, assim como todos os outros, tinham o direito absoluto de administrar seus próprios assuntos como bem entendessem; levantou-se vigorosamente contra as pretensões de alguns parisienses que, a propósito do Congresso de Dijon, tentavam impor suas vontades ao comitê de Dijon e elogiou vivamente o comitê por sua determinação. O Sr. Ramager protestou, em seguida, contra os ataques que haviam sido dirigidos ao comitê no *Journal des Sourds-Muets*.

Ao abordar o *Pilori*, afirmou que aquele jornal abominável não servia para nada, exceto para ser queimado; juntando o gesto à palavra, o Sr. Ramager acendeu um fósforo e pôs fogo ao *Pilori*, enquanto os assistentes, tomados de entusiasmo, se levantavam todos ao mesmo tempo e o aplaudiam freneticamente.

Quando o sossego foi restabelecido, o Sr. Henri Mercier, representante dos surdos-mudos da Champanhe, fez um brinde aos cidadãos de Borgonha e à união geral de todos os surdos-mudos.

A união geral também foi o tema central do discurso do Sr. Henri Genis. Assim como fizera no Museu, diante da estátua do abade de l'Épée, ele pregou o

esquecimento e o perdão mútuo como meios para alcançar a união; uma união geral que traria muita satisfação ao abade de l'Épée.

O Sr. Henri Genis obteve grande sucesso, pois todos lhe eram gratos por suas palavras sinceras, e não restava dúvida de que teria sido ainda mais aplaudido se seus amigos de Paris estivessem presentes.

Por fim, um inglês, o Reverendo Franck Hodgkins, encantou os presentes ao lhes dizer, com gestos harmoniosos e extraordinariamente poéticos, que Deus, ao criar os homens todos iguais, quis que compartilhassem o mesmo coração para se amarem fraternalmente na terra e se ajudarem a alcançar o céu, sendo isso ainda mais verdadeiro no caso dos surdos-mudos.

Percebendo que os discursos haviam se esgotado, o Sr. Brost fez a leitura da seguinte carta, que lhe fora enviada pelo Sr. Gilby tarde demais para ser lida durante o congresso:

Prezado Sr. Gilby,

Eu esperava estar presente com nossos outros amigos em Dijon esta semana, mas as circunstâncias estão contra mim. Contudo, embora ausente fisicamente, terei o prazer de estar presente de coração. Espero que o congresso seja agradável e proveitoso.

Os surdos, para todo o mundo, são ou devem ser homens e mulheres que têm a liberdade de preservar todas as formas ou métodos de educação que, com base em sua própria experiência, se mostraram valiosos. Não devem deixar-se tornar vítimas de teóricos incapazes, nem abrir mão de qualquer pretensão de serem ouvidos em assuntos que lhes dizem tão respeito, assim como a seus irmãos e irmãs mais jovens em sofrimento.

Atenciosamente,
A. Mac Donald Cutell.

Assim foi finalizado. Todos os convidados desceram ao térreo para fumar os excelentes charutos distribuídos gentilmente pelo comitê, permitindo assim que os garçons do restaurante *Padiolleau* retirassem as mesas da sala de jantar e preparassem um palco para os mímicos apresentados por nosso amigo Sr. Varenne.

Após cerca de vinte minutos, tudo estava pronto, e os comissários nos convidaram a subir. Os porteiros, sempre em seus postos, nos detiveram impiedosamente para deixar passar as senhoras em primeiro lugar. Deve-se admitir que os habitantes de Dijon eram realmente galantes e que os parisienses poderiam aprender muito com eles.

Na sala onde ocorrera o jantar, os convidados, e aqueles que haviam jantado na cidade, se acomodaram com tranquilidade, e a apresentação teve início:

O Sr. Varenne, com seu traje de *Pierrot*, brilhando em branco, apresentou inicialmente “O Legado” (*L’héritage*), um espetáculo de mímica hilário que frequentemente divertiu os parisienses e que, naquela noite, trouxe grande alegria a todos que o viam pela primeira vez.

Em seguida foi apresentado “Minhas Duas Rivais” (*Mes deux rivales*), um espetáculo mímico que representava três personagens, abordando um tema bem arriscado para o ambiente em que se encontravam. No entanto, o Sr. Varenne compreendeu perfeitamente que aquilo que poderia ser bem recebido em Paris poderia facilmente ser considerado inadequado em Dijon. Ele soube, com habilidade, contornar certos momentos perigosos sem ofender ninguém e conseguiu fazer todos rirem.

Mas *Pierrot* havia se esforçado tanto que estava completamente suado, e um intervalo era absolutamente necessário para que ele recuperasse o fôlego. Esse intervalo foi alegremente preenchido pelo Sr. Ramager, que apresentou com um talento extraordinário “O Vendedor de Gorros de Algodão e os Macacos”.

Conhece-se a história: um vendedor ambulante sente a necessidade de tirar uma soneca, abre sua caixa, pega um belo gorro de algodão, coloca-o cuidadosamente na cabeça e adormece. É então que os macacos entram em cena: cada um deles coloca um gorro de algodão na cabeça. O vendedor acorda e percebe que sua mercadoria foi levada. Em vão ele procura por todos os lados os ladrões, até que, ao olhar para cima, os vê fazendo caretas, empoleirados nas árvores ao redor. Furioso, o infeliz vendedor os insulta, ameaça-os, mas nada funciona. No auge da raiva e do desespero, ele arranca o gorro da cabeça e o joga no chão, sendo imediatamente imitado pelos macacos. Assim, o vendedor só precisou se agachar para recuperar sua mercadoria.

Essa fábula, espirituosamente representada por meio da mímica, provocou uma alegria incontida entre os espectadores, e se o Sr. Varenne não tivesse voltado ao palco no momento seguinte, certamente o Sr. Ramager teria sido chamado para um bis.

Em seguida, o Sr. Varenne apresentou dois outros espetáculos de mímica criados por ele, semelhantes aos anteriores: em primeiro lugar, “Toto na Casa da Tia”, e depois “Uma Noite na Casa da Marquesa”.

É desnecessário dizer que o sucesso de nosso *Pierrot* cresceu até o fim da noite, a tal ponto que o Sr. Henri Vanton foi até o Sr. Varenne para convidá-lo formalmente a apresentar-se em Lyon no mês de novembro seguinte. E *Pierrot* aceitou o convite: em 20 de novembro, apresentou outros espetáculos em Lyon, onde os surdos-mudos locais lhe prestaram uma verdadeira ovação.

TERCEIRO DIA NA EXPOSIÇÃO

Na segunda-feira, último dia do congresso de Dijon, o comitê havia marcado para todos os convidados se encontrarem às nove horas no restaurante *Padiolleau*. No entanto, como nos despedimos na noite anterior em uma hora muito avançada, muitos chegaram atrasados ao ponto de encontro, e foi apenas por volta das onze horas que fizemos nossa entrada na Exposição Universal de Dijon.

Essa exposição, organizada por iniciativa privada, estava longe de atender às expectativas que tínhamos. É verdade que o projeto original não foi completamente realizado devido à falta de recursos, conforme nos foi informado; por isso, acreditamos que todos os que visitaram essa exposição ficaram, como nós, um tanto desapontados.

O ponto mais interessante da Exposição de Dijon era, sem dúvida, seu pitoresco “vilarejo sudanês” e seus habitantes negros. Localizado próximo à entrada principal, foi por ele que começamos nossa visita. Pode-se dizer que o contato inicial com esses nativos ocorreu de maneira rápida; tanto que logo se estabeleceu uma familiaridade notável entre os habitantes negros e os surdos-mudos.

Em determinado momento, nosso amigo Papillon, de maneira cortês, ofereceu seu braço a uma bela negra, e os dois deram uma volta pela área. O exemplo desse animado companheiro logo foi seguido por quase todos os outros visitantes, e o cenário tornou-se cada vez mais divertido, especialmente quando Papillon teve a ideia de organizar uma pequena festa. A ideia foi bem-sucedida e logo todo o grupo estava dançando alegremente com os participantes do congresso.

No entanto, apenas o Sr. Genis não dançou, mas estava se divertindo bastante. Por sua vez, o Sr. Chazal havia perdido seus amigos e vagava melancolicamente por uma galeria lotada de potes e garrafas que pareciam conter iguarias deliciosas.

O baile franco-sudanês concluído, os congressistas prosseguiram com o passeio pela Exposição tão bem iniciada e, em breve, os senhores Vuilleme, Berthet e Chazal se encontraram no desfecho de uma galeria dedicada à arte dos alfaiates e costureiras. Foi ali que surpreenderam o Sr. Ernest em contemplação diante de uma vitrine contendo um belo vestido de noiva. Estaria o Sr. Ernest sonhando com casamento para si ou para outra pessoa? De qualquer forma, desejamos, sem dúvida, que seus sonhos se realizem com sucesso.

Nosso pequeno grupo esbarrou com outros surdos-mudos aqui e ali e, todos juntos, continuaram a visita pelas galerias da Exposição de Dijon. Vale dizer que, embora sua aparência externa não fosse nada atraente, o interior das galerias, todas muito bem organizadas e preparadas, possuía um cuidado excepcional. Isso demonstra mais uma vez que a aparência externa não é o que define a qualidade, caso o famoso provérbio possa ser aplicado a uma exposição.

Para os surdos-mudos, ou seja, para nós, a parte mais interessante era, sem dúvida, a exposição especial da Instituição dos Surdos-Mudos e Cegos de Dijon, fundada e dirigida pelo Sr. F. Boyer. Os trabalhos exibidos pelos estudantes de ambos os sexos dessa extraordinária instituição eram realmente excepcionais.

Além disso, o Sr. Boyer nos apresentou sua exposição com uma cortesia impecável. Depois de nos mostrar tudo e explicar cada detalhe, ele fez questão de nos acompanhar durante o restante da visita, só se afastando para ir almoçar com seus alunos, que haviam sido deixados trabalhando em suas diversas atividades.

O Sr. Boyer se retirou, e os senhores Berthet e Chazal perceberam que seus companheiros já não estavam por perto; eles realizaram, então, uma visita rápida ao pavilhão das belas-artes, onde viram as obras do pintor surdo-mudo Sturla, professor de desenho na escola de Argel, que fora posteriormente premiado pelo júri. Eles deixaram a exposição; porém, como os dois parisienses não estavam muito familiarizados com Dijon, acabaram se perdendo um pouco pela cidade, e especialmente tiveram grandes dificuldades para encontrar um restaurante.

Os senhores Berthet e Chazal não foram, aliás, os únicos que quase ficaram sem almoçar naquele dia; soubemo-lo mais tarde, pois, fora do centro da cidade, os restaurantes em Dijon não são muitos ou, pelo menos, estão tão bem escondidos que apenas os moradores locais parecem conhecê-los.

Quando nossos dois amigos atenderam às necessidades básicas da fome (porque, infelizmente, é preciso comer para viver) tentaram pedir informações sobre o caminho até a prefeitura. Finalmente, após muitos desvios, os senhores Berthet e Chazal saíram de um beco e se encontraram subitamente na Rua da Liberdade, a poucos passos da Prefeitura e do *Café Padiolleau*, onde entraram com ares tão orgulhosos como se tivessem acabado de dar a volta ao mundo.

O INSTITUTO BOYER

Tivemos a oportunidade de mencionar brevemente a Instituição dos Surdos-Mudos e Cegos, fundada em 1890 pelo . F. Boyer. Estávamos planejando visitá-la detalhadamente, mas o tempo nos foi insuficiente. No entanto, graças a alguns documentos que nos foram gentilmente enviados, nossos leitores poderão facilmente entender o propósito e a importância desse instituto ao ler a seguinte circular:

INSTITUIÇÃO REGIONAL Dos Surdos-Mudos e Jovens Cegos de Dijon OBJETIVO E ORGANIZAÇÃO

Os surdos-mudos e cegos, considerados os maiores desfavorecidos da natureza e frequentemente, no passado, destinados ao vagabundagem e à mendicância, estão atualmente, em grande parte, capacitados a se tornarem úteis para a sociedade em vez de um peso para ela. Isso se deve ao surgimento de diversas instituições criadas em seu benefício nos últimos anos, especialmente.

A Instituição Regional de Dijon tem como objetivo a educação, o desenvolvimento intelectual e profissional, bem como o apoio e orientação desses indivíduos, de ambos os sexos, residentes na Côte-d'Or e nos departamentos vizinhos.

Considerando que o ar da área rural é essencial para essas crianças, frequentemente de temperamento um pouco frágil e debilitado, a instituição, que foi inicialmente estabelecida de forma provisória em 1º de outubro de 1890, na route de Plombières, foi transferida para Fontaine-les-Dijon. Essa localidade, situada a cerca de 3 quilômetros da cidade, é bem conhecida por sua localização favorável e seu ar saudável.

Os locais, com a aprovação do Conselho Departamental em sua sessão de 8 de novembro de 1890, atendem a todas as condições desejáveis para o bem-estar dos alunos; os dormitórios e as salas de aula possuem a altura regulamentar de 4 metros. Tanto as salas de aula quanto o jardim oferecem uma vista magnífica e ampla para a planície, a cidade de Dijon e as áreas circundantes.²

Professores especializados e qualificados são responsáveis pelo ensino dos meninos, enquanto professoras muito experientes se encarregam da educação

2 Como a instalação de Fontaine-lès-Dijon se tornou insuficiente, o estabelecimento foi transferido de maneira definitiva (em 1º de outubro de 1894) para a própria cidade de Dijon, na rua de l'Île, números 39, 41, 44 e 45, em um magnífico terreno de mais de 15.000 m² de área. O local é composto por três conjuntos de edifícios cercados por gramados, amplos pátios sombreados e vastos jardins.

das meninas. São empregadas as melhores metodologias e os procedimentos mais avançados para promover o desenvolvimento equilibrado, racional e harmonioso das capacidades intelectuais e disposições desses infelizes deficientes, frequentemente ainda tímidos e recém-integrados ao convívio social.

A alimentação é adaptada às necessidades físicas gerais dessas crianças, e cuidados médicos são oferecidos, se necessário, por um médico vinculado ao estabelecimento.

MÉTODOS E ENSINOS SURDOS-MUDOS

O método denominado oral puro é o único seguido de forma exclusiva. Ele consiste, primeiramente, no ensino da fala e da leitura labial. Ao ingressar na escola, o jovem surdo-mudo recebe uma educação especial com o objetivo de disciplinar todos os seus órgãos relacionados à fala e prepará-lo para o uso da linguagem. Em seguida, por meio de sistemas engenhosos e progressivos, ensina-se ao aluno a articular sons, depois sílabas, em seguida palavras e, por fim, pequenas frases. Durante esse processo, o aluno é também exercitado a distinguir com regularidade, na leitura labial, todas as diferentes posições e movimentos dos elementos articulados da língua francesa apresentados pelo interlocutor. Ele é assim, em pouco tempo, capacitado a participar da conversa e de todos os inestimáveis benefícios proporcionados pelo uso da fala: é a linguagem comum por meio da leitura labial substituindo a dactilologia e a mímica utilizadas pelo célebre abade de l'Épée, bem como a fonodactilologia, inventada posteriormente.

O ensino clássico, além da articulação e da leitura labial, abrange as seguintes matérias: escrita, leitura convencional, língua francesa e elementos de estilo; matemática, geografia, história da França, noções de direito, geometria prática, física, química e história natural; ginástica, desenho linear e ornamental, além de instrução cívica, moral e religiosa.

O ensino profissional, da mesma forma que na Instituição Nacional de Paris, é geralmente oferecido aos alunos apenas a partir do início do quarto ano de permanência na escola. Cada aluno pode aprender uma das profissões a seguir, de acordo com suas aptidões pessoais; horticultura, arboricultura, viticultura, costura, confecção de calçados, marcenaria, tipografia.

As surdas-mudas são treinadas em diversas tarefas domésticas, como cuidados com a casa, tricô, passar roupas, remendos, costura manual e mecânica, bordado, além de atividades artísticas, como desenho, aquarela, pintura em porcelana e em seda, dependendo de suas aptidões individuais.

CEGOS

A educação moral e física das crianças cegas é, de maneira geral, a mesma oferecida a todas as outras crianças. O método atualmente utilizado para sua instrução é a anagliptofografia, um dos sistemas criptográficos desenvolvido inicialmente pelo oficial de artilharia Charles Barbier e aprimorado posteriormente por Louis Braille.

A anagliptofografia, também utilizada para manuscritos e impressão, aplica-se à estenografia, matemática e música. Assim, o cego, com sua incrível destreza nos dedos, consegue expressar seus pensamentos com a mesma velocidade que uma pessoa que enxerga utilizando a escrita convencional.

Para o ensino de algumas matérias, utilizam-se equipamentos especiais: mapas e globos terrestres em relevo para geografia, sólidos para geometria, representações em relevo de monumentos, plantas e diversos objetos. Esses recursos oferecem ao cego noções precisas sobre o que ele não pode ver.

O ensino intelectual inclui: leitura e escrita em relevo baseadas no sistema Braille, ortografia, estudo de objetos cotidianos através da manipulação e lições práticas, elementos dos estudos literários, noções de matemática e ciências naturais, história e geografia gerais, música vocal e instrumental, educação cívica, moral e religiosa.

O ensino profissional, por sua vez, inclui para os meninos as seguintes atividades e profissões práticas: trabalho com mecânica, fileteria, confecção de cadeiras em ratan, fabricação de pantufas utilizando tranças e materiais diversos, cestaria, fabricação de escovas, tornearia, ajuste e reparo de pianos. Para as meninas: trabalho com fileteria, tricô manual e mecânico, fabricação de pantufas, bordado e diversos trabalhos manuais de ornamento.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

A idade mínima para a admissão de alunos bolsistas surdos-mudos e cegos é de 7 anos, e a idade máxima é de 10 anos completos. Quanto aos internos, eles podem ser admitidos a partir dos 4 anos, com o objetivo principal de receberem uma educação preparatória especial nos âmbitos físico, moral e intelectual.

Todos os cuidados específicos exigidos por seu estado são devidamente assegurados.

A solicitação de admissão deve ser acompanhada dos seguintes documentos: a certidão de nascimento, um atestado médico especificando as causas da surdez e da surdomudez ou da cegueira, confirmando que a criança não sofre de nenhuma doença contagiosa ou doença mental e que foi vacinada.

A duração média do curso é de 7 anos, tanto para surdos-mudos quanto para cegos, e ambos podem permanecer ligados à instituição como trabalhadores após concluírem seu aprendizado.

O custo da pensão, bem inferior ao de estabelecimentos análogos, é de 450 francos para crianças pobres sustentadas pelos municípios, pelos departamentos ou por pessoas caridosas. Para aqueles que não se enquadram nessa situação, o valor é de 500 francos.

O diretor acolhe em sua própria família, mediante condições financeiras mais elevadas, os alunos cujos pais abastados preferem que eles não sigam o regime comum.

ADMISSÕES EXCEPCIONAIS

A instituição aceita, ainda, as seguintes crianças e pessoas em condições especiais:

1º Todas as crianças que não ouvem o suficiente ou não enxergam bem o bastante para participar de forma proveitosa dos cursos oferecidos pelas escolas comuns;

2º Crianças mudas, embora que ouçam, com o objetivo de sua completa desmutização;

3º Crianças com surdez parcial, visando sua completa cura ou, pelo menos, uma melhora significativa por meio da educação auditiva orientada com exercícios específicos e o uso de um aparelho acústico especial;

4º Pessoas com dificuldade de pronúncia, como o gaguejamento ou outros distúrbios da fala, para realizarem aulas particulares focadas em articulação e correção da linguagem;

5º Pessoas que sofreram perda auditiva total ou parcial por causas acidentais, com o intuito de se iniciarem na leitura labial, uma importante alternativa para compensar a ausência do sentido auditivo;

6º Pessoas que perderam completamente a visão ou têm uma visão muito reduzida, interessando-se em aprender a anaglipteografia Braille, método reconhecido como extremamente útil em tais circunstâncias.

ENXOVAL

O enxoval e sua manutenção são de responsabilidade das famílias; ele deve estar em bom estado e marcado com as iniciais do aluno e seu número de identificação atribuído.

Um pequeno impresso, listando as diversas peças que devem compor o enxoval, é enviado a todas as pessoas interessadas. Em alguns casos, a instituição

se encarrega de fornecer o enxoval mediante o pagamento de 300 francos para todo o período do curso de estudos.

O Diretor,
F. Boyer,
Doutor pela Sociedade de Ciências Médicas.

Esta circular é suficientemente explícita para não necessitar de mais comentários, limitaremos-nos a dizer que em 1893, três anos após a sua fundação, o Instituto de Dijon obteve um certificado de honra da Feira de Saúde e Bem-Estar e eis aqui a publicação, nesta ocasião, do jornal *Le Progrès de la Côte-d'Or* sobre a obra do Sr. F. Boyer:

OS SURDOS-MUDOS DE FONTAINE-LÈS-DIJON

Uma das coisas mais interessantes da Feira de Saúde e Bem-Estar, que em breve encerrará suas portas, é, sem dúvida, a exposição dos surdos-mudos e dos jovens cegos de Fontaine-lès-Dijon; as apresentações feitas pelos alunos são extremamente curiosas e demonstram que, nos dias atuais, é possível fazer os surdos ouvirem e os mudos falarem.

Valentin Haüy e Louis Braille haviam dado aos cegos uma escrita tátil; o abade de l'Épée deu aos surdos-mudos uma linguagem visível.

Os meios de comunicação mais usados originalmente com os surdos-mudos eram: o desenho, a escrita simbólica (que lembra a antiga escrita dos egípcios no sentido de representar ideias mais do que palavras). O abade de l'Épée adicionou os sinais metodológicos e o alfabeto manual, também conhecido como dactilologia.

Esse método é hoje quase universalmente abandonado, e a fala combinada com a escrita acabou substituindo todos os outros meios de comunicação: o desenho, a mímica e a dactilologia.

Os surdos-mudos falam; mas como? Explicaremos isso em breve. Contudo, pode-se questionar: falar não é suficiente; é preciso também que eles ouçam ou, ao menos, compreendam a fala do outro. Caso contrário, seu modo de se expressar seria apenas um monólogo, ao qual, no máximo, poderia ser respondido por escrito.

Essa objeção é válida, mas facilmente refutável: enquanto se ensina aos surdos-mudos a expressar sons, também se os ensina a reconhecê-los nos lábios do professor, por meio da leitura labial, ou seja, a leitura nos lábios do interlocutor.

É interessante observar as transformações do método oral ao longo dos séculos: ora negligenciado, ora combinado com o uso de sinais, ora utilizado

isoladamente ou em conjunto com a escrita, e mais raramente com a leitura labial. Lamentamos que a falta de espaço nos impeça de explorar isso em detalhes.

Um professor não pode ensinar a fala de forma eficiente para mais de oito ou dez alunos simultaneamente. O momento mais adequado para iniciar o ensino da fala por meio do método oral ocorre entre os 7 e 10 anos de idade. Antes de começar o ensino, é necessário avaliar as aptidões do aluno para a articulação, verificar se a surdez é completa ou parcial e, por meio do uso de um espirômetro, determinar se o pulmão está suficientemente desenvolvido — ou seja, se o fôlego é forte o bastante para permitir a emissão da fala.

Após os exercícios iniciais, nos quais se ensina ao aluno que se trata de reconhecer palavras apenas pelo movimento dos lábios, aborda-se a voz do surdo-mudo, incentivando-o a falar. Geralmente, começa-se ensinando algumas vogais, que são combinadas com as consoantes mais simples para formar sílabas fáceis de articular.

Após cerca de seis a oito meses em média, o jovem surdo-mudo já domina todas as letras e é capaz de articular qualquer palavra.

A escrita só é ensinada após a leitura labial e a pronúncia artificial. Cada palavra é, primeiramente, lida nos lábios do professor, em seguida é pronunciada pelo aluno e, finalmente, escrita no quadro. Portanto, para o surdo-mudo, a escrita não é mais do que um simples desenho gráfico, um símbolo que serve como lembrete da palavra pronunciada. Além disso, tem a vantagem de ensinar a ortografia, na qual ele se sai tão bem quanto uma pessoa ouvinte que fala.

Retornando ao aspecto da compreensão da linguagem, os surdos-mudos só conseguem adquiri-la gradativamente, palavra por palavra. Assim que um novo vocabulário é ensinado, seja por meio da leitura, da pronúncia ou da escrita, o aluno é apresentado ao objeto que representa aquela palavra. Caso o objeto não esteja disponível, recorre-se a representações em relevo ou, quando isso não for possível, a ilustrações desenhadas. Daí a importância da criação de pequenos museus escolares em todas as instituições bem estruturadas. Se o objeto estiver completamente ausente da coleção, o professor deve desenhar sua forma no quadro.

Junto ao aprendizado da fala, os surdos-mudos também aprendem os elementos básicos da gramática e da aritmética, além de noções de história e geografia. Eles conseguem narrar acontecimentos, expressar pensamentos verbalmente e por escrito. Se tiverem boa memória e inteligência, conseguem até conquistar seu certificado de estudos primários.

Foram inventados muitos dispositivos para atenuar os efeitos da surdez; alguns são até muito originais, mas todos se mostram insuficientes. Existe

apenas um método que é sempre eficaz, sempre bem-sucedido, aplicável a todas as idades e em todos os casos: a leitura labial.

O surdo-mudo, com o tempo, consegue decifrar todas as pronúncias, assim como se adquire o hábito de decifrar diferentes escritas. Alguns, nesse sentido, possuem habilidades quase como as de um fonógrafo humano, repetindo mecanicamente todas as palavras pronunciadas diante deles; curiosamente, os menos inteligentes frequentemente se destacam mais nesta habilidade.

Para o surdo que adquiriu a surdez já na fase adulta, entre os 15 e 18 anos, o processo é mais fácil — e isso é compreensível. Muitos jovens que ficaram surdos nesse período continuaram seus estudos após aprenderem a leitura labial e conseguiram passar com êxito em exames como o *baccalauréat*³.

Infelizmente, a leitura labial não pode ser utilizada por surdos-mudos que também sejam cegos. Estes possuem apenas dois meios para se comunicar com o mundo: a dactilologia e a escrita em pontos, como o Braille.

Na instituição de Fontaine-lès-Dijon, há um jovem surdo completamente cego que foi apresentado na Feira de Saúde e Bem-Estar. Ele foi bem ensinado a ler e escrever em Braille, além de realizar trabalhos manuais. Ele consegue tecer redes de todos os tipos, fabricar chinelos trançados e cadeiras em ratan, demonstrando grande habilidade com o trabalho manual.

Na instituição, tanto meninos quanto meninas surdos-mudos e cegos aprendem a se sustentar através do trabalho manual. Por esse motivo, o estabelecimento é extremamente interessante e merece todo apoio. O diretor, Sr. Boyer, deve ser encorajado em sua importante e humanitária missão.

O método utilizado na instituição do Sr. Boyer, para o ensino de seus jovens alunos, não é aquele que constantemente defendemos junto aos melhores educadores de nosso sistema de ensino; no entanto, todos os surdos-mudos, sem exceção, aprovarão as conclusões do autor do *Progrès de la Côte-d'Or*.

E, para ser o mais completo possível, resta-nos apenas reproduzir os principais trechos de um artigo publicado no *Bien Public*, de Dijon, no dia 11 de julho de 1898. Neste texto, após descrever com grande delicadeza estilística a obra do Sr. Boyer e expressar a compaixão que tal circunstância desperta em todo visitante diante de tamanha desgraça, o autor faz um caloroso apelo à generosidade de seus concidadãos em favor desta instituição.

3 Exame de avaliação do aluno ao final do Ensino Médio.

CEGOS E SURDOS-MUDOS RUA DA ILHA UMA VISITA À INSTITUIÇÃO DO SR. BOYER

“...Timidamente, na Rua *de l’Ile*, em um bairro pobre na periferia de Dijon, uma casa tão acolhedora parece se esconder, como envergonhada por sua virtude. Nada indica, do lado de fora, que aqueles muros abrigam seres tão desafortunados. Pelo contrário, vêem-se crianças alegres, ouvem-se risos e conversas de meninas; ao se aproximar, tem-se a impressão de ter se equivocado de porta. Mas não: todas aquelas crianças são cegas ou surdas-mudas, todas incuráveis.

Não sem uma certa emoção, dirige-se a palavra aos diretores, Sr. e Sra. Boyer, solicitando-lhes a gentileza de permitir uma visita ao estabelecimento. Eles a fazem com tamanha solicitude e bondade que conquistariam imediatamente a simpatia de qualquer visitante, caso esta simpatia já não lhes fosse natural, bastando apenas conhecer o tamanho de sua dedicação para se afeiçoar a eles.

De fato, esta obra é fruto de sua única e própria iniciativa, sem outro objetivo senão o de fazer o bem, amenizar a dor de alguns infelizes, de ajudá-los a viver. Por essa razão, fundaram essa instituição, dedicando toda a sua existência a essa missão. Sua tarefa, embora nobre, é frequentemente difícil: a educação de surdos-mudos e cegos exige um esforço longo e penoso, paciência inabalável, coragem, energia e, acima de tudo, bondade.

Um sentimento de angústia indescritível toma conta de quem entra em uma sala de aula de cegos: seus olhos fechados conferem a seus rostos uma expressão de seriedade que impressiona, especialmente em crianças, e o sorriso que frequentemente os anima apenas acentua essa impressão. Parece que eles não são como nós, que vivem uma existência totalmente interior, mais idealizada.

Surge um desejo intenso de abrir suas pálpebras baixas para ver o brilho de um olhar, mas não é possível se acostumar com a ideia da escuridão eterna em que estão mergulhados. Suas pálpebras tremulam levemente, com movimentos rápidos, como se a luz pudesse feri-los, ou como se fossem as asas silenciosas de almas que passam pelo ar.

Não se ousa tratá-los como crianças comuns, e uma timidez inexplicável prende as palavras na garganta. Sentimo-nos pequenos, humildes, comuns, diante dessas criaturas que foram tão provadas pela vida, atingidas pela sorte de maneira injusta e que, pela própria condição, inspiram tanto respeito.

As experiências desconhecidas para nós, mas vivenciadas por eles, criam uma espécie de barreira entre nós e eles, uma barreira sutil, quase invisível, porque, afinal, eles são semelhantes a nós. Assim como nós, eles amam, pensam e sofrem.

Então, por que negligenciá-los, mantê-los afastados, esses pobres seres

que têm direito a tanta compaixão? Aproximem-se deles, compartilhem suas dores e suas alegrias; eles fazem parte do nosso grupo, pois sabem, por meio de seu trabalho, se colocar no mesmo nível que nós. Pois é suficiente, de fato, visitar uma instituição de cegos, especialmente a de M. Boyer, para avaliar o que eles são capazes de realizar. Diante de nós, eles leem e escrevem segundo o sistema inventado por Braille.

Eles adquirem uma boa educação, podem prestar exames e até mesmo cegos já conquistaram reputação nas artes ou nas letras.

O Sr. Boyer interroga seus alunos diante dos visitantes sobre gramática, geografia, faz com que escrevam uma ditado; e nós ficamos sem saber o que devemos admirar mais: o aluno ou o mestre que obteve esse resultado.

Mas não é apenas no desenvolvimento intelectual dos cegos que M. Boyer se concentra. Ele sabe que é importante para o homem cultivar sua inteligência, mas sabe também que, acima de tudo, o cego precisa viver; e como todas essas crianças são pobres, ele ensina a todos um ofício manual.

Seus alunos se dedicam à confecção de redes, fabricação de vassouras, produção de móveis (ratan) e reforma de cadeiras. O atelier é supervisionado por um chefe cego, assim como todos os professores da instituição.

É fascinante observar a habilidade e a agilidade de todos esses trabalhadores. Um deles trançando uma longa rede sem apresentar um único defeito; outros cortando crina ou junco, ajustando e fixando as cerdas; outros, com movimentos rápidos, entrelaçam palha ou junco. Ao redor da sala estão organizados os objetos prontos: vassouras, diversos tipos de escovas, bancos, cadeiras e os materiais necessários para o trabalho.

... As meninas pequenas aprendem a tricotar, e nenhuma, eu lhes asseguro, parecia triste de usar suas longas agulhas. Vê-se que estão felizes por serem úteis.

Os cegos têm, geralmente, grandes aptidões para a música, e a maioria dos alunos do Sr. Boyer cultiva. Eles são preparados para se tornarem organistas ou afinadores de piano; é vantajoso para eles possuírem várias habilidades. Por isso, aprendem simultaneamente música e um ofício manual. A senhorita Schneider, cujo nome alguns leitores talvez já tenham ouvido, é responsável pelo ensino musical. Gostaria de expressar a estima, a admiração e a simpatia que apenas seu nome desperta em mim e que deve despertar em todos aqueles que a conhecem.

Quase cega desde o nascimento, ela prometeu a si mesma, aos quatorze anos, dedicar sua vida a seus 'irmãos de infortúnio'. Sua grandeza e nobreza de alma são equivalentes ao seu talento musical. É suficiente ouvir sua bela voz calorosa uma única vez para compreender sua excelente metodologia.

Senhorita Schneider é uma artista em todo o sentido da palavra, um termo frequentemente usado de maneira excessiva por pessoas que não o merecem.

Seus alunos lhe fazem honra. Eu ouvi alguns deles tocando piano e órgão de fole; uma garotinha loira, com um doce sorriso, cantou com uma voz clara uma canção estilo *romance* que encheu meus olhos de lágrimas. Mas o que mais me impressionou foram os coros.

Quando a senhorita Schneider, a pedido da Sra. Boyer, se dispôs a reunir todos os seus cantores para mim, fiquei emudecido, comovido até o mais profundo da alma. Eu os via todos à minha frente, grandes e pequenos, com os olhos fechados ou semicerrados, as pálpebras entreabertas deixando ver um pouco do branco sob os cílios; eu os via com as mãos agitadas em movimentos nervosos, as cabeças erguidas como se buscassem aspirar a luz, e tive a sensação de ouvir um coro de almas prestes a se elevar; uma invocação por uma vida melhor, uma lamentação tocante contra essas trevas eternas. Jamais esquecerei a impressão que senti; a senhorita Schneider e seus alunos me proporcionaram uma das experiências mais puras e preciosas da minha existência.

A educação dos surdos-mudos não apresenta resultados menos impressionantes do que a dos cegos. Eu vi, na Instituição Boyer, alguns que falavam de forma clara e respondiam sem hesitação a todas as perguntas que lhes eram feitas. Um deles recitou-nos uma fábula com uma clareza e precisão que não são sempre encontradas em crianças que possuem audição.

O processo de educação dos surdos-mudos é uma tarefa longa e árdua. É necessário trabalhar com cada indivíduo individualmente, pois nem todos têm a mesma idade, o mesmo nível de inteligência ou as mesmas aptidões. A educação exige atenção constante; não se trata apenas de ensinar a fala, mas também corrigir certos vícios de pronúncia, ensiná-los a respirar adequadamente, a articular bem e a trabalhar as cordas vocais.

É uma educação física que leva muito tempo antes que se comece a se concentrar no desenvolvimento da inteligência. Contudo, por mais difícil que seja essa tarefa, o professor, tão humilde quanto dedicado, apenas apresenta os resultados, sem deixar transparecer as dificuldades enfrentadas, a paciência e o esforço constante que foram necessários para alcançá-los.

É comovente saber que todos esses deficientes têm compaixão uns dos outros. Os surdos-mudos se lamentam pelos cegos tanto quanto os cegos se lamentam pelos surdos-mudos.

— Eu chorei — me dizia a Srta. Schneider — Na primeira vez em que ouvi um surdo-mudo falar. Não são todos igualmente dignos de compaixão para nós que usufruímos de todos os nossos sentidos? Quantas vezes somos culpados por não ajudá-los?

Frequentemente passamos perto da miséria sem sequer olhá-la; frequentemente também confundimos a sensibilidade genuína com o

sentimentalismo. Pois não é realmente ser caridoso apenas derramar lágrimas diante de uma desgraça. Palavras comuns não aliviam o sofrimento; é necessário dar um pouco de si mesmo: um pouco da própria alma, um pouco de cuidados, um pouco de recursos financeiros quando não se pode fazer mais do que isso.

É preciso olhar de perto a dor, vencer aquele desconforto instintivo que nos faz recuar diante do sofrimento, como se nossos sentidos fossem ofuscados. É covardia fechar os olhos sob o pretexto da emoção; é preciso abri-los, aproximar-se, observar a ferida e, após tê-la bem visto, oferecer o remédio ou, pelo menos, algo que alivie a dor.

A experiência ensinará àqueles que se mostraram covardes que a verdadeira felicidade está em fazer os outros felizes, e isso é algo tão simples.

Talvez me falte eloquência para descrever adequadamente a grandeza da obra dedicada aos surdos-mudos e cegos. Mas vá até aquela porta marrom que nunca se nega a abrir, vá e julgue por si mesmo. Você voltará emocionado, tocado por uma santa piedade, e se sentirá melhor, pois é próprio das almas generosas espalharem, sobre aqueles que as encontram, uma espécie de luz e calor.

Talvez sinta aquela angústia estranha que aperta o coração ao ouvir ou presenciar um ato de virtude extraordinário, incompreensível, uma angústia feita de espanto, arrependimento e admiração. Vá até lá; você não sabe o bem que estará fazendo a si mesmo.

Seria uma grande alegria para todos se mais pessoas viessem visitá-los, ouvissem suas histórias. Portanto, leve um pouco de seu coração e, se puder, estenda a mão e doe um pouco do que lhe sobra a esses infelizes. A menor doação seria bem-vinda, pois, é preciso admitir, as necessidades sempre superam os recursos neste asilo que permanece constantemente aberto. Nunca se recusa a entrada a um inválido, e todos os dias chegam novos moradores. Mas todos são pobres, como já disse; eles pagam apenas uma pequena contribuição ou mesmo nada. As poucas doações oferecidas pela cidade são insuficientes para cobrir todas as necessidades. Não se imagina o que é necessário para sustentar oitenta pensionistas, pagar os professores e arcar com todos os custos.

Com o número crescente de novos moradores, o espaço da instituição já se torna pequeno. A instituição existe apenas há alguns anos e, três vezes já, foi obrigada a mudar de localização. Agora os dormitórios são muito apertados, as salas de aula também, e será necessário ampliar o espaço em breve. Contudo, é possível fazer isso sem dinheiro?

Dê, dê com rapidez e em abundância para os cegos e para os surdos-mudos! Nesta estação feliz de verão, onde tudo é alegria, luz e harmonia, pense um pouco naqueles que vivem nas trevas, no silêncio, na solidão; aqueles que sofrem sem se queixar. Pense também naqueles que dedicam todos os seus momentos

a ajudar esses infelizes e que nos dão um exemplo tão belo de generosidade e bondade. Pense nisso às vezes. Aqueles que foram tocados pela tristeza poderão esquecer por um momento suas próprias dores diante dessas outras desgraças e encontrar algum consolo; e aqueles que só conhecem a felicidade aprenderão a apreciá-la ainda mais. Diante da miséria e da dor, não há mais divisão de partido, de opinião ou de crença. Existe apenas uma lei comum a todos os homens, a qual todos devem respeitar: a lei do amor e da caridade.”

Após este artigo notável e este caloroso apelo em favor do Instituto dos surdos-mudos e cegos de Dijon, tudo o que pudéssemos dizer a respeito seria, de fato, muito supérfluo, especialmente porque o júri da última Exposição, mais uma vez, reconheceu a excelência da obra humanitária do Sr. F. Boyer, concedendo-lhe o grande prêmio, a mais alta distinção disponível.

É notável que o Júri da Exposição de Dijon cumpriu seu dever; agora esperamos que o governo não falhe com o seu e que, um dia, recompense todos aqueles que se dedicam aos cegos e surdos-mudos, esses grandes deserdados da natureza.

NO CAFÉ PADIOLLEAU

No *Café Padiolleau*, onde os Srs. Berthet e Chazal fizeram uma entrada triunfal, o escritório da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha e o comitê de organização do congresso estavam reunidos desde às duas horas.

Os dois amigos aproveitaram a ocasião para redigir uma nota relativamente longa sobre o jantar, que foi enviada ao *Petit Bourguignon*.

O Sr. Ramager, em nome do Sr. Chazal, perguntou ao comitê se desejavam publicar o relatório do congresso em forma de brochura ou apenas de uma análise no *Sourd-Muet Illustré*.

O comitê decidiu que o relatório do congresso seria publicado em brochura, além do resumo que poderia ser feito no jornal do Sr. Berthet.

Após isso, Sr. Varenne, com seu equipamento fotográfico em mãos, pediu aos membros da sociedade de Borgonha que se reunissem no terraço do café para serem fotografados. Assim foi feito; depois foi a vez dos outros congressistas. O Sr. Berthet, com muita gentileza, apoiou de maneira admirável o Sr. Varenne em suas operações fotográficas.

Nesse meio-tempo, um novo pacote do jornal *Pilori* do Sr. Gaillard estava sendo distribuído sob os cuidados do Sr. Brost. Essa nova tentativa de perturbar os cidadãos de Dijon não teve mais sucesso do que a primeira. Somente o Sr. Ramager, irritado com tal insistência, pegou uma das edições desta publicação maliciosa, assinou-a como era adequado e a enviou de volta para a sua origem, na rua *de la Tombe-Issoire*.

Além disso, o Sr. Ramager havia comprado para o Sr. Gaillard uma figura de cabeça de prussiano em porcelana, que, sem dúvida, foi colocada por ele em um local de destaque em sua casa.

No entanto, uma mensagem recebida pelo comitê anunciava a chegada de um retardatário, e muitos colegas se dirigiram imediatamente à estação de trem.

O momento da despedida se aproximava. Os três delegados da União dos Surdos-Mudos de Paris estavam ansiosos para retornar ao hotel, fazer seus preparativos para a partida e, em seguida, ir ao charmoso restaurante *La Galère*. Por um esquecimento plenamente compreensível, o comitê, sobrecarregado, não havia informado os congressistas que o jantar de despedida seria oferecido no restaurante *Padiolleau*, onde cerca de vinte pessoas estavam reunidas quando os delegados da União ali chegaram.

Naquela mesa, Sr. e Sra. Boquin, jantaram na companhia dos senhores Ramager e Henri Genis; um pouco mais afastado, o retardatário, que chegara de Ostende, comia com os senhores Brost, Mérigot e alguns outros convidados.

Os presentes já sabiam, pelo Sr. Brost, que os senhores Berthet e seus dois amigos deveriam partir para Paris na mesma noite. Mesmo assim, ficaram surpresos ao receber a confirmação oficial e tentaram, sem sucesso, convencê-los a permanecer pelo menos até a manhã seguinte. Infelizmente, os delegados parisienses não puderam atender esse pedido, para grande pesar de todos.

Após trocarem palavras amigáveis, os convidados brindaram juntos, despedindo-se, ou melhor, dando um até logo, já que todos os que estiveram em Dijon nos dias 27, 28 e 29 de agosto esperavam se reencontrar em Paris, em 1900, no congresso ou em outro momento.

A SOCIEDADE DOS SURDOS-MUDOS DA BORGONHA APÓS O CONGRESSO

No domingo, 11 de dezembro, os membros da Sociedade dos Surdos-Mudos de Bourgogne se reuniram em assembleia geral no *Café Padiolleau*. Após concluírem as atividades do Congresso de Dijon com a dissolução do comitê de organização, procederam à renovação da diretoria da sua sociedade.

Resultados da eleição:

Sr. Ramager foi reeleito presidente por unanimidade.

Sr. Vuillemey foi nomeado vice-presidente.

Sr. Joseph Charton, secretário-geral.

Sr. Seguenot, tesoureiro.

Na ocasião, o Sr. Ramager dirigiu-se aos presentes com as seguintes palavras:

Senhores,

Agradeço do fundo do coração pela grande honra que me fizeram ao me eleger à presidência pela segunda vez. Não sei como expressar toda a minha gratidão e ousou esperar que a confiança que me é tão preciosa, e que nunca me faltou até aqui, me dê a força necessária para cumprir os deveres que me cabem perante nossos caros irmãos em desfortuna. (Aplausos.)

Sempre fui e continuarei sendo um soldado fiel ao estandarte de nosso pai intelectual, o abade de l'Épée." (Bravo!)

Permitam-me, caros irmãos, assegurar-vos que todas as calúnias que foram espalhadas a meu respeito apenas fortaleceram os laços de fraternidade que nos unem. (Novos aplausos.)

Desprezo e repúdio com veemência as críticas e ofensas (talvez não isentas de inveja) de alguns irmãos mal-intencionados ou enganados. Seus escritos censuráveis não têm outro objetivo e não poderiam ter outro resultado senão o de semear a discórdia entre nós.

Portanto, apertemos nossos laços e que nossa união mais forte faça compreender a esses equivocados que seus esforços sempre fracassarão diante de nossa dedicação inabalável à causa dos surdos-mudos, nossos queridos irmãos no fundador da instituição.

Viva a União e a Fraternidade!

Viva o fundador da instituição!

(Tríplice salva de aplausos.)

LISTA

Pessoas cuja presença foi constatada em Dijon, nos dias 27, 28 e 29 de agosto de 1898:

Senhoras	Senhoritas	
Aubouard. Demangeot. Gilles. Larrue. Nicole. Pasquier. Boquin. Deslandes. Henry. Lepine. Ravier. Brost	Aubouard. Brost, Chaumard. Gilles. Lachèze. Ravier. Dupont. Gerling. F. Jondot. J. Montalant. Thomas.	
Senhores	Senhores	Senhores
Arnaud. Aubel. Berthet. Bideaux. Blesseau. Boquin. Bouveret. Boyer. Brost, Ant. Brost, Alfred.	Burdin, Ed. Alb. de Buren. Challandes. Chambre. Changenet. Charton. Chauvey. Chazal, Joseph. Carrey. Develay, Ant.	Dupont, Ch. Duban L. Demangeot. Drouard. Depoil, Lazare. Depoil, J. Donzelot, Ch. Demoly. Deslandes. Gantois, Al.
Senhores	Senhores	Senhores
Burdin Aug. Gelin, L. Gerling. Gilles, Emile. Gilles, fils. Goyet. Griolel. Henry, Jules. Hours, Louis. Hiernard. Jovin. Larue, L. Laporte. Léger. Lépine, Laurent, Simon.	Devejay, Aug. Mailley, Manel, Justin. Mercier, Henry. Morganti, Henry. Mérigot. Machin. Nicole, Jules. Pasquier. Parize. Puzenat. Perrin. Pallais. Riquet. Ravier. Ravet.	Genis, H. Rieffel (abbé). Ramager. Salzgebart. Seguenot. Taboureau. Tournier. Thierse. Thurel. Vallier, Edmond. Vallier, Louis. Vanton. Varenne. Vuillemey. Vachon.

Por fim, os integrantes da delegação inglesa eram compostos pelos senhores F. W. G. Gilby; William Gilby, pai; Frank Hodgkins; Laurie; Sounes; Horsley; Doncaster e pelas senhoritas Mary-Eliza Purduc; Harrielt; Silver; Darter.

Essa relação é bastante incompleta, pois o comitê apenas pôde registrar os nomes daqueles que participaram do congresso e do jantar de gala; quanto aos demais, é compreensível que fosse fisicamente impossível.

RELATÓRIO FINANCEIRO DO CONGRESSO DE DIJON

RECEITAS

Subvenção da Sociedade dos Surdos-Mudos da Borgonha:	80,00
Subvenção do Conselho Municipal de Dijon:	200,00
Doações recolhidas por:	
1° Sr. Brost:	18,50
2° Sr. Seguenot:	20,00
3° Sr. Gerling:	19,00
4° Sr. Jovin:	11,50
Total:	69,00
Doação anônima:	10,00
Doação do Comitê de Dijon:	4,00
Resultado de uma arrecadação feita pelo Presidente do Comitê:.....	10,25
SALDO:	373,25

Não há razão para incluir no somatório das receitas um empréstimo de 120 francos, uma vez que seria necessário registrá-lo também nas despesas, resultando no mesmo saldo final.

DESPESAS

Pago ao administrador do jornal <i>Le Bien Public</i> por circulares com faixas e preços de jornais:	17,00
Compra de papel para correspondências, cartões postais, telegramas e contatos com as grandes companhias ferroviárias:	43,75
Pago a M. Auguste Colas, pelo preço de uma gravura intitulada: “ <i>Últimos momentos do Abade de l'Épée</i> ” para ser oferecida ao Museu de Dijon:	43,25
Pago ao Sr. Chazal, despesas de viagem:.....	25,00
Recompensas aos senhores Vuilleme y Brost:	40,00
Pago ao restaurante <i>Padiolleau</i> para os convidados:	36,00
Pago para despesas diversas:	3,00
Compra de um buquê:	5,00

Gratificação aos garçons do serviço:	10,00
Preço do presente enviado ao Sr. Varenne:	10,00
Saldo restante para cobrir os custos de impressão do	
relatório do Congresso:	140,25
(O preço estimado de 500 exemplares, conforme uma carta de M. Chazal, é avaliado em 300 francos.)	
SALDO FINAL:	373,25

ÚLTIMAS PALAVRAS

Alguns trechos deste relatório suscitarão críticas entre aqueles que tentaram de tudo contra o Congresso de Dijon. Mas, nesta circunstância, como em todas as outras, apenas relatei os fatos tal como ocorreram.

Se esses fatos não são honrosos para algumas personalidades do nosso pequeno meio, a quem cabe a culpa?

Certamente, nada teria sido mais fácil do que passar por cima de todas essas misérias; mas, para isso, seria necessário esconder a verdade, e isso não faz parte dos meus princípios.

Além disso, por que teria eu omitido esses feitos, ou melhor, essas manobras baixas, uma vez que seus autores se gloriaram deles em seus jornais antes e depois do congresso?

Se a exibição de nossas divisões é algo lamentável para todos nós, deixo a responsabilidade àqueles que se intitulam campeões desinteressados dos surdos-mudos da França, mas que demonstraram o contrário durante este congresso.

Para mim, não tenho outra preocupação senão cumprir meu dever em todos os lugares e circunstâncias. E, acreditando tê-lo feito perante os congressistas, resta-me apenas agradecer ao Comitê de Preparação por me haver designado como secretário-geral do congresso, e por ter mantido meu nome neste cargo, apesar das mais acirradas oposições, em um posto que não solicitei.

Nunca me esquecerei disso e, aconteça o que acontecer, sempre farei parte dos surdos-mudos da Borgonha.

O Secretário-Geral

Joseph Chazal

Paris, 30 de dezembro de 1898.

